

2017

PROGRAMA EDUCATIVO
INSTITUTO FIGUEIREDO FERRAZ



Equipe

Presidente

João Carlos de Figueiredo Ferraz

Diretor Administrativo

Alcebíades Junqueira

Coordenação Geral

Rejane Cintrão

Administrativo Financeiro

Vivian Kawasima

Gestão de Acervo

Carlos Alexandre

Coordenação do Educativo

Vera Barros

Agendamento

Sandra Bisco

Assistente de Manutenção

Carlos Evangelista

Arte-educadores

Caroline Heldes

Gil Neto

Ingrid Ostan

Sumário

- 7** Introdução
- 8** Estado da Arte
- 9** Diversidade no nosso tempo
- 10** Apresentação
- 11** Programa de visitação
- 16** Comentários sobre o Educativo IFF
- 18** Planejamento do Programa de visitação
- 25** Exercícios de arte
- 29** Os arte-educadores e seus projetos autorais
- 34** Diversidade de público
- 47** Parcerias
- 62** Novas abordagens e exercícios
- 64** Conversas filosóficas, conversas sobre arte
- 67** Referências bibliográficas

Introdução

Terminamos o ano de 2017 com uma visitação de 3.903 alunos vindos ao Instituto Figueiredo Ferraz através do nosso programa Educativo. Recebemos ainda 593 professores da Rede Estadual para o programa de formação de professores. Estes números são para nós bastante significativos, pois mostram o desenvolvimento de nosso projeto educativo, o quanto ele está sendo bem avaliado e procurado pelas escolas regionais. Este ano abrimos a visitação também, com acompanhamentos dos nossos arte-educadores, às universidades e instituições de serviço social. Recebemos estes alunos de 3ª a 6ª feira, de manhã e à tarde, e temos fila de espera de escolas querendo agendar visitas. Todo este trabalho nos enche de orgulho e responsabilidade pois, na nossa opinião, são estas crianças e adolescentes que mais tarde, com uma visão poética e questionadora que a reflexão crítica que a arte traz, cuidarão do nosso futuro. Temos a pretenciosa intenção de formar uma elite cultural independente da sua classe social ou econômica. É um trabalho intenso e delicado que, graças ao apoio imprescindível do Instituto Itaú Cultural, estamos empenhados em levar adiante.

João Carlos de Figueiredo Ferraz
Presidente

O estado da arte

No acervo do Instituto Figueiredo Ferraz predomina a arte contemporânea, fato raro em instituições brasileiras que com dificuldade acompanham a produção emergente. A coleção iniciada na década de 1980 segue em permanente atualização, incorporando obras adquiridas no Brasil e no exterior. Nela há sempre espaço para o novo, o que não significa que o colecionador se deixe levar por modismos ou se renda exclusivamente aos nomes consagrados pelo mercado.

Originário do colecionismo privado, em expansão há mais de três décadas, o acervo do IFF entra agora na maturidade. Instalado desde 2011 em edifício especialmente projetado para abrigá-lo, o acervo serve ao propósito de propiciar aos moradores da região de Ribeirão Preto um convívio com o melhor da arte de nossos dias. O mérito dessa iniciativa se torna ainda mais evidente diante da escassa presença de coleções públicas no interior do estado de São Paulo.

A presente seleção procura dar uma ideia da potência dessa coleção. Um simples passeio pela exposição será suficiente para revelar que as escolhas recaem frequentemente sobre artistas representados por mais de uma obra no acervo ou contemplam trabalhos de jovens emergentes. Logo se vê que não houve a preocupação de agrupar os trabalhos por técnicas ou temas. Predomina a diversidade de meios de expressão, em respeito à liberdade que caracteriza a arte de hoje.

No plano ou no espaço, usando meios tradicionais como o desenho ou a pintura, ou alternativos como a fotografia, o vídeo e a instalação, a arte contemporânea é indissociável do presente. Um tempo sem ordem, sem propósito, sem limites. Daí a ousadia de criar com os mais diversos materiais, de promover combinações inusitadas, de suscitar estranhamento. Em nossa época, o belo deixou de ser inerente à criação artística. Entretanto, a beleza irrompe em certas obras. Há trabalhos que nos levam a refletir e outros que nos fazem sonhar. Ao depararmos com essa pluralidade de manifestações, raramente ficamos indiferentes. Muitas vezes, temos a sensação de estarmos diante de algo que não compreendemos plenamente. A capacidade de desestabilizar certezas é a qualidade maior da arte contemporânea cuja força de atração reside em sua conexão com a realidade.

Maria Alice Milliet
Curadora

Diversidade no nosso tempo

Um fato notável na produção de arte contemporânea e pouco discutido na nossa história, vé a presença cada vez maior das mulheres na produção artística mundial. Raramente ouvíamos falar de artistas do sexo feminino até o início do século XX, quando a mulher era mais vista como musa inspiradora. Se tomarmos a “bíblia” da arte moderna escrita por Giulio Carlo Argan (Itália, 1909 - 1992), notaremos que nenhuma mulher é citada entre centenas de artistas, não obstante o fato de o livro ser importantíssimo para a compreensão desse período.

Por esta razão, talvez, muitos artistas tratam de temas ligados à própria mulher e seu lugar no mundo.

Esta exposição busca mostrar algo da diversidade e complexidade do universo feminino em nosso tempo sob o ponto de vista de diferentes artistas e crenças.

Rejane Cintrão
Coordenação Geral e Curadoria

Apresentação

É perceptível que a revolução digital tem transformado uma simples percepção de um fato do mundo em uma interpretação que produz significados dependendo do ponto de vista do observador, sua classe, seu gênero, sua etnia, crença e vivência política e sociocultural. Com o aumento de alcance inimaginável da velocidade do repasse das informações e imagens, os estudantes e visitantes passaram não só a saber o que ocorre no planeta, mas a ter um novo tipo de “sentir” e a internalizar tudo que era considerado externo ou distante, o que influencia substancialmente suas interpretações das obras da Coleção IFF. Seus olhares, agora também intérpretes, passam a ter, mais que nunca, uma dimensão cultural essencial no âmbito artístico, porque há infinitos modos de olhar e interpretar o que se vê.

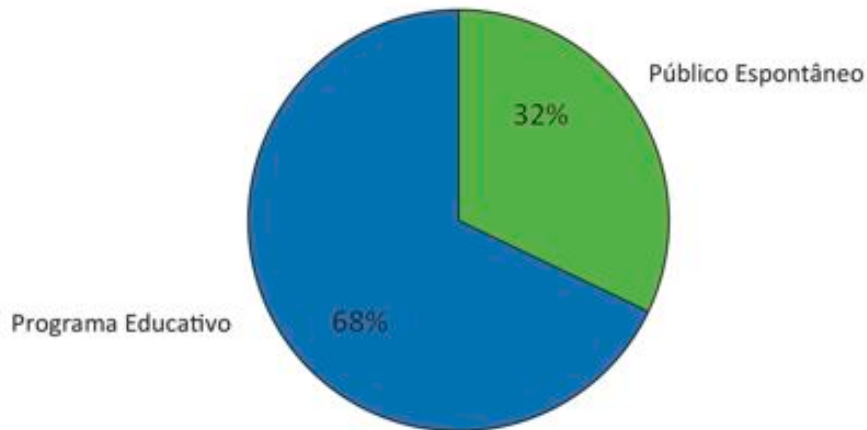
Em 2015, o Governo do Estado de São Paulo interrompeu a parceria do IFF e de todos os museus e instituições culturais públicos e privados com a Fundação para o Desenvolvimento da Educação da Rede Estadual de Ensino. Um fato que significou a redução de 66,4% dos estudantes agendados no IFF. Mas, felizmente, devido a parcerias com várias universidades, instituições sócio culturais, Sistema S – SESC, SESI, SENAC, SENAI e escolas particulares, já em 2017 conseguimos um aumento de 39, %.

Vera Barros
Coordenação do Educativo IFF

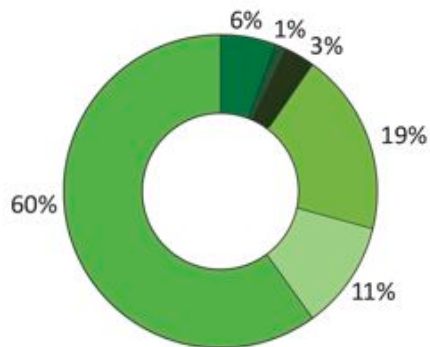
Programa de visitação IFF

Grupos agendados e público espontâneo

TOTAL DE VISITANTES EM 2017
TOTAL 5.775

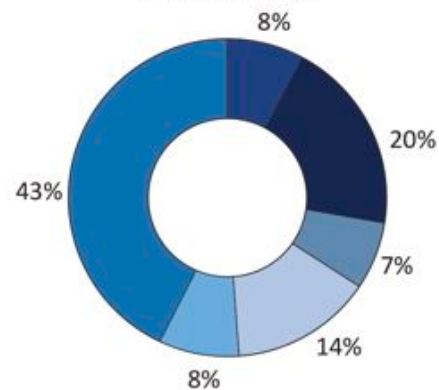


PROGRAMA EDUCATIVO 2017
PERFIL DOS VISITANTES



- Educação Infantil 0 a 6 anos
- Ensino Fundamental I 7 a 10 anos
- Ensino Fundamental II 11 a 14 anos
- Ensino Médio 15 a 17 anos
- Acima de 18 anos
- Idosos

NÚMERO DE VISITAS
AGENDADAS EM 2017
TOTAL DE 152

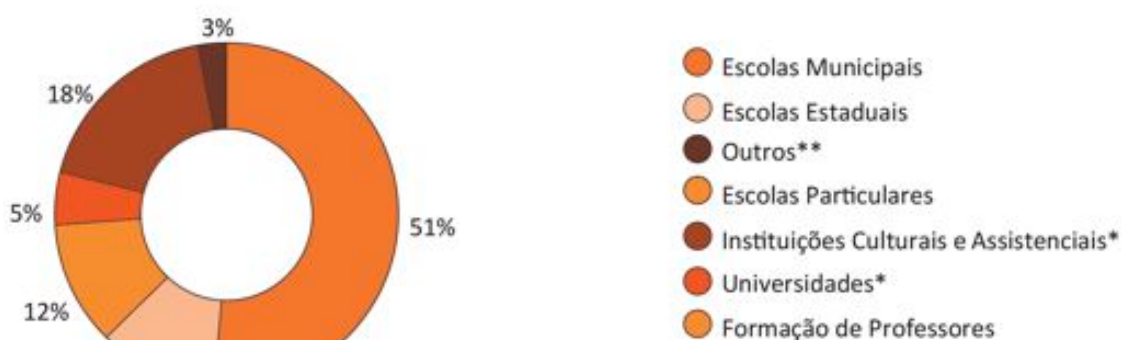


- Escolas Municipais
- Escolas Estaduais
- Escolas Particulares
- Universidades*
- Instituições Culturais e Assistenciais
- Outros**

*Universidades públicas e privadas.

**Inclui empresas e grupos independentes.

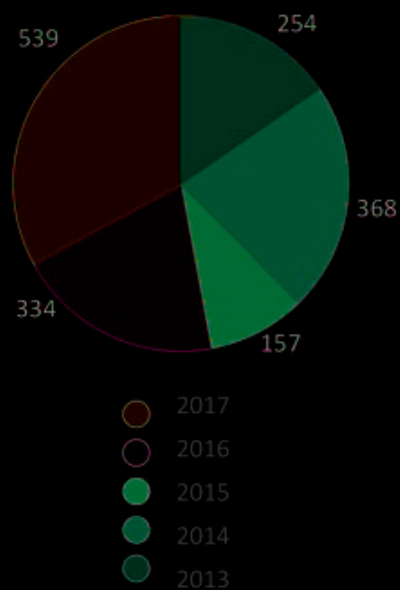
NÚMERO DE VISITANTES DO PROGRAMA EDUCATIVO EM 2017
TOTAL DE 3.833



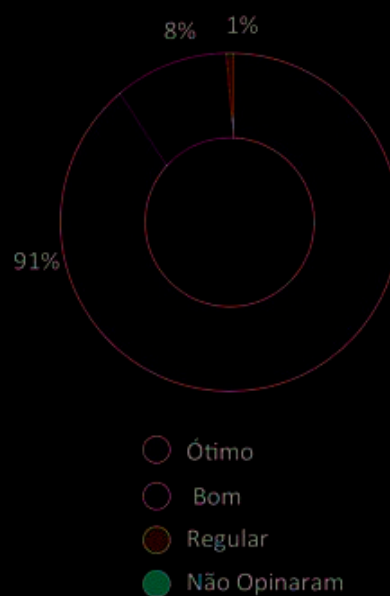
*Universidades públicas e privadas.

**Inclui empresas e grupos independentes.

HISTÓRICO DE ENCONTROS
DE FORMAÇÃO
DE PROFESSORES ATÉ 2017
TOTAL DE 1.652

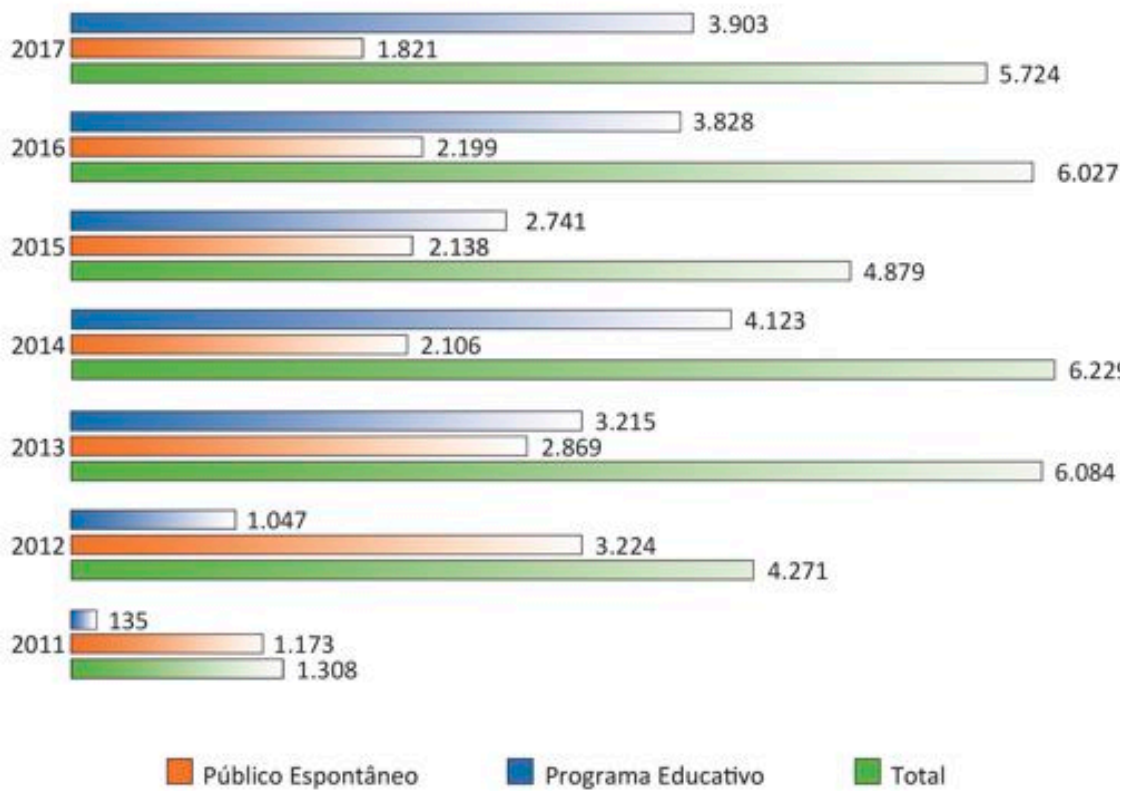


OPINIÃO DOS PROFESSORES
SOBRE AS VISITAS DE SEUS
ESTUDANTES ATÉ 2017*

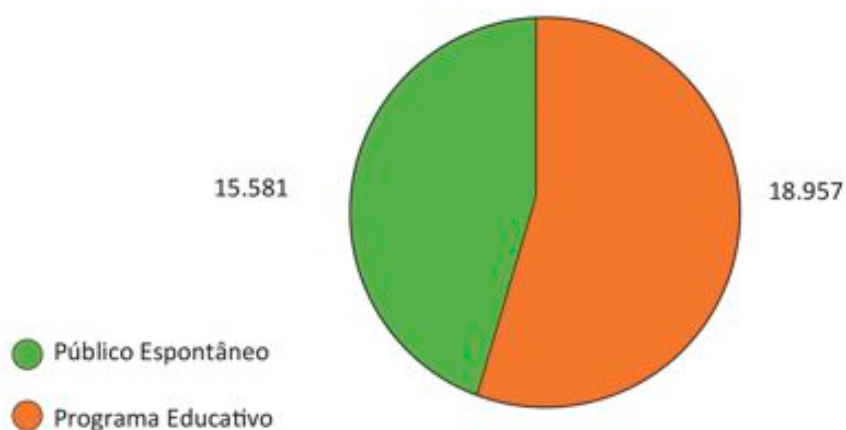


* A ficha de avaliação é um importante documento que está inserido nos procedimentos para o agendamento escolar. Foi preenchida por cada professor que acompanhou os estudantes durante o programa de visitação.

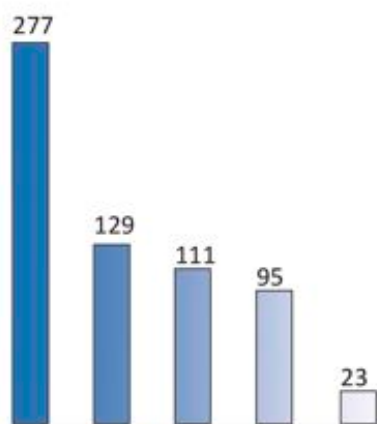
34.583 VISITANTES ÀS 27 EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS E 6 DE LONGA DURAÇÃO.



TOTAL DE 34.583 VISITAS ATÉ 2017



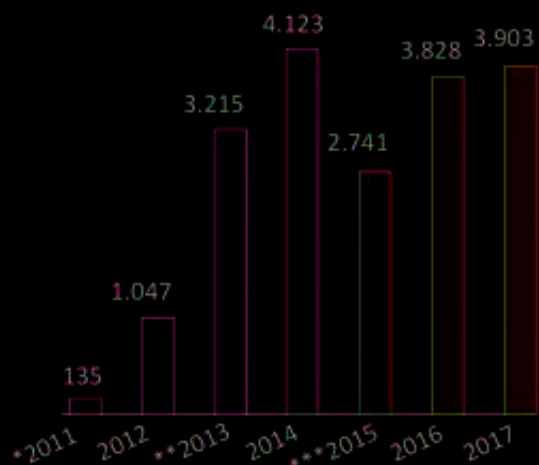
TOTAL DE 635 VISITAS AGENDADAS ATÉ 2017



- Escolas Municipais
- Escolas Estaduais
- Escolas Particulares
- Universidades*
- Instituições Culturais e Assistenciais

*Universidades públicas e privadas.

HISTÓRICO DO PROGRAMA EDUCATIVO VISITA DE ESTUDANTES

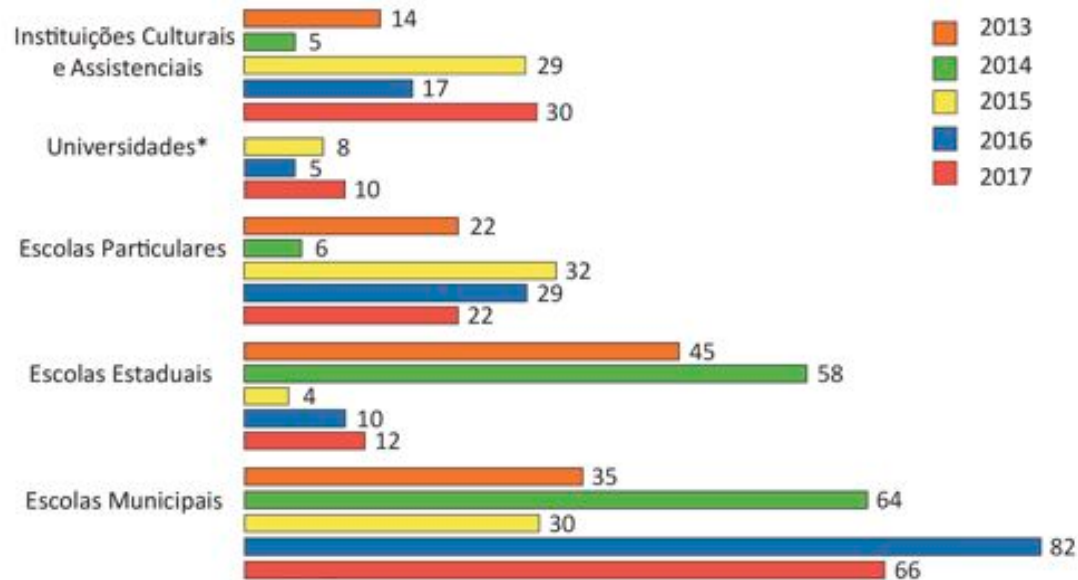


* O Instituto Figueiredo Ferraz foi inaugurado em outubro de 2011.

** Ano em que foram iniciadas as parcerias com as Redes Municipal e Estadual de Educação.

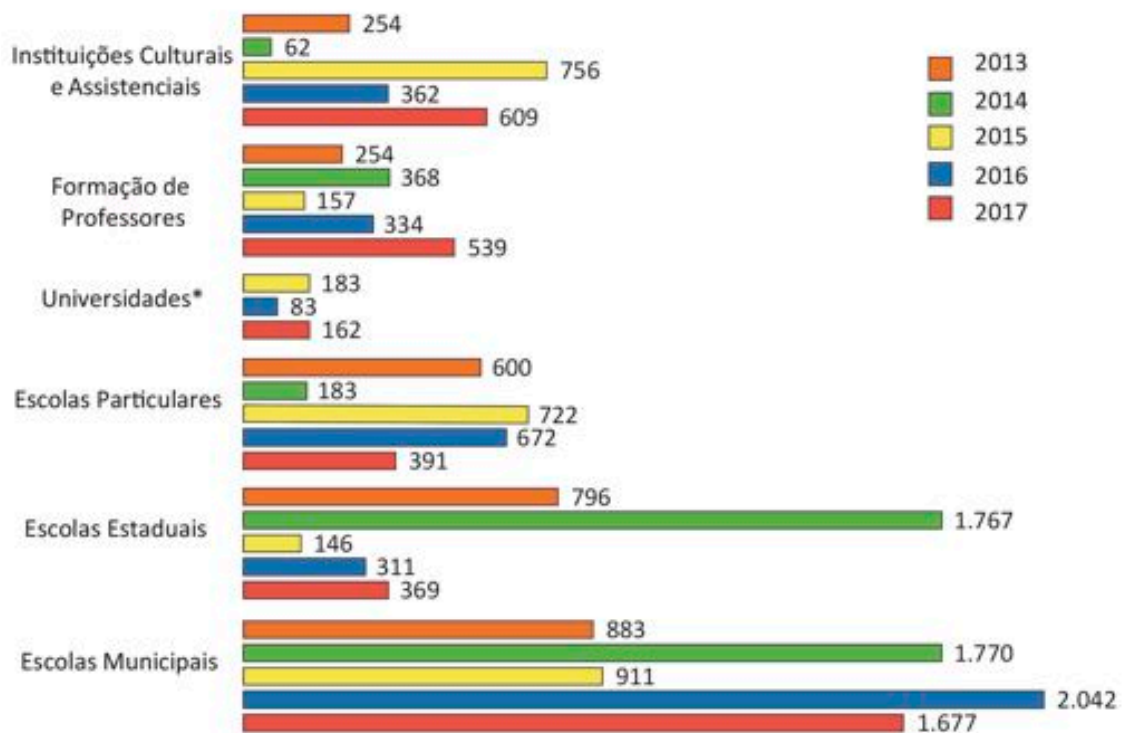
*** Ano em que o Governo do Estado interrompeu a parceria com a Fundação para o Desenvolvimento da

HITÓRICO DE VISITAÇÕES NÚMERO DE VISITAS AGENDADAS



*Inclui o Sistema S: Sesi, Sesc, Senac e Senai.

HITÓRICO DE VISITAÇÕES NÚMERO DE VISITANTES



*Inclui o Sistema S: Sesi, Sesc, Senac e Senai.

Comentários sobre o Educativo IFF

QUAL O PAPEL DO OUTRO, DO VISITANTE EXPECTADOR NA OBRA DE ARTE? QUE IMPORTÂNCIA TEM O ARTISTA PARA O MUNDO?

“Os artistas contemporâneos têm aberto nossos olhos para questões estéticas, poéticas e filosóficas invisíveis para a mídia e redes sociais.

A experiência singular de cada artista nos leva a pensar que talvez a arte exista para gerar novos sentidos para que as pessoas possam criar seus próprios instrumentos e critérios para interpretar o mundo.” **Vera Barros, coordenadora do Educativo IFF.**

“Como todas as formas de conhecimento, a arte não consegue se descolar completamente de seu momento histórico. Se observarmos com cuidado, veremos que as obras estão repletas de vestígios, que são impressões sobre seu próprio tempo. Traz consigo não só a forma como foi criada, mas também as formas como foi vista. Conhecer as obras de perto, então, pode nos permitir uma reflexão sobre o mundo em que vivemos e sobre suas constantes mudanças, e assim nos fazer pensar nosso lugar nele. Cada obra é única e por isso, cada uma nos toca de uma forma diferente. Acredito, assim, que meu papel como arte-educador seja o de criar, junto com o grupo, um ambiente

que estimule uma experiência individual, coletiva e novas interpretações.” **Gil Neto, arte-educador.**

“O compromisso de estabelecer relações dos visitantes com as obras de arte tem sido extremamente desafiador. O contato com a arte contemporânea frequentemente desperta inseguranças sobre o que é arte, sobre as formas de conhecimento, sobre o lugar dos indivíduos no mundo e sobre o espírito do século XXI, quando tudo se transforma sincronicamente. Como arte-educadora, percebi que a minha própria curiosidade sobre as indagações dos visitantes estimula-os a refletir e propor novas formas de pensar o mundo. Muitas vezes, observa-se a arte contemporânea com olhos do passado, porque a arte do presente é sempre de difícil compreensão para apressados.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**

“Proporcionar a aproximação dos visitantes com a arte contemporânea é uma conexão intercultural com a história, por meio de suas manifestações artísticas. O visitante se encontra no passado, presente e futuro em um mesmo espaço físico, inserido no tempo de cada obra. O meu papel como arte-educadora tem sido de gerar conhecimento, porém, sem retirar a autonomia do visitante. As reflexões,

em geral, começam com uma dúvida que estimula uma observação minuciosa das obras de arte, tornando o visitante um pesquisador. Ser arte-educador é ser um elo entre as obras de arte e o público para procurar quebrar o conceito de que arte só pode ser entendida pelo intelecto ou por profissionais da área, mas pelo encontro físico e emocional de cada

pessoa com obras de diferentes artistas nas exposições.” **Ingrid Ostan, arte-educadora.**



Planejamento do Programa de Visitação

- AS VISITAS AGENDADAS SÃO SEMPRE PLANEJADAS CUIDADOSAMENTE QUANTO AO ENFOQUE, ÀS ESTRATÉGIAS E AOS MATERIAIS PEDAGÓGICOS, COMO TAMBÉM OS ENCONTROS DE FORMAÇÃO EM ARTE CONTEMPORÂNEA, COM PALESTRAS E WORKSHOPS ESPECÍFICOS PARA CADA PERFIL.
- CADA GRUPO QUE VISITA O IFF É ÚNICO. SUAS CARACTERÍSTICAS E OBJETIVOS PROCURAM SER IDENTIFICADOS PARA CRIAR UMA COMUNICAÇÃO SENSÍVEL ÀS SUAS ESPECIFICIDADES, CONSIDERANDO O FATO DE QUE DIFERENÇAS NÃO SÃO DESIGUALDADES. PROCURAMOS CONSTRUIR UM ESPAÇO ABERTO À FORMULAÇÃO DE CRITÉRIOS E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS COMPARTILHADOS PARA QUE HAJA UMA IMERSÃO DOS VISITANTES EM UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA COM SIGNIFICADOS AFETIVOS E MICROPOÉTICAS.

“Preparamos, com alguns dias de antecedência, os exercícios de arte que seriam propostos aos estudantes do primeiro e segundo ano do curso de arquitetura da Unaerp. Com a ajuda do arte-educador Caio Drusus, arquiteto, separamos fragmentos de textos escritos por arquitetos prestigiados como Le Corbusier (França, 1887 — 1965), Frank Lloyd Wright (EUA, 1867 — 1959), Alvar Aalto (Finlândia, 1898 — 1976), John Summerson (Reino Unido, 1904 – 1992), Vilanova Artigas (Curitiba, 1915 – 185), Leonardo Benévolo (Itália, 1923 – 2017), Frank Gehry (Canadá, 1929) e Oscar Niemeyer (Rio de Janeiro, 1907 – 2012), dentre os quais pode-se destacar a seguinte frase:

“Arquitetura deve falar de seu tempo e lugar, porém anseia por intemporalidade.” Frank Gehry, arquiteto canadense.

Elaborei também algumas perguntas que poderiam ser relacionadas tanto à arquitetura quanto à arte contemporânea, com questões de referência estética, ordem e atemporalidade com o propósito de fomentar a discussão. Entreguei os textos logo no início do encontro para que os estudantes pudessem debater em grupos menores. Depois, nos sentamos para expor as ideias que haviam surgido no primeiro momento e todos participaram ativamente. Desenvolveram o exercício da trama poética, em que os grupos desenvolvem um texto baseado nas relações entre duas ou mais obras, criando conexões.

Interessante como a mesma abordagem pode levar a assuntos totalmente diferentes: enquanto o primeiro grupo apontou questões sobre como a arquitetura tem o poder de possibilitar ou impedir conexões das pessoas com o mundo, seus efeitos na percepção humana do dia-a-dia, assim como a arquitetura do próprio espaço do IFF em relação às obras de arte; o outro apresentou reflexões sobre o peso das decisões, das dificuldades de expressão e conseqüentemente, dificuldade de imersão na subjetividade para interpretar as relações dos personagens retratados com sonhos e com a representação da “alma” em outro mundo.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**

“Usar materiais plastificados é uma boa forma de trazer a pesquisa dos arte-educadores para os visitantes. Frases filosóficas, trechos de reportagens, trechos poéticos, servem como ignição para nossas discussões. O planejamento e a seleção desse material é feito previamente, de acordo com o perfil do grupo que receberemos, o que desafia os arte-educadores a produzir novas abordagens. Alguns são pensados especificamente para um certo grupo como, por exemplo, os estudantes do curso de marcenaria da ONG Santo Antônio Maria de Claret. Pesquisamos fotografias de móveis conceituais desenvolvidos por designers do mundo todo. A ideia era mostrar soluções diferentes tomadas para resolver problemas do cotidiano e então discutirmos sobre o ofício do artista e o seu dia a dia no ateliê. As relações criadas entre as duas profissões aproximou os estudantes das obras, possibilitando novas interpretações.” **Gil Neto, arte-educador.**

“É interessante planejar o material pedagógico de acordo com a realidade de cada grupo, sem induzir, naturalmente, para que os visitantes se aproximem do assunto abordado, discutam e opinem. Assim, interagem e priorizam a troca de ideias quebrando tabus como, por exemplo, de que arte só é “compreensível” para aqueles que a estudam, estimulando-os a pensar além do óbvio e criar perspectivas diferenciadas sobre a arte contemporânea.” **Ingrid Ostan, arte-educadora.**

**“Queria poder sonhar
Encontrar uma
maneira
Para sair dessa
barreira
Que me vem
aprisionar
Por mais que eu tente
Não consigo escapar
Dessa ligeira dor.”**

(Estudantes de 18 anos)
Relação entre as obras de Dora
Longo Bahia (São Paulo, 1961),
Frida (1993) e de Janaína
Tschäpe (Alemanha, 1973), *Sala
de espera (Terrace)* (2001).

ABORDAGENS TEMÁTICAS

“Os críticos de arte tem o poder de não só atribuir o estatuto de arte a um objeto, mas de o classificar numa ordem de excelências, segundo critérios próprios. O que determina o que é arte e o valor de um objeto artístico são questões complexas e mais arbitrárias do que o julgamento puramente técnico, porque há muitos fatores estéticos em jogo, além do mercado de arte.” Jorge Coli (Amparo, 1947).

“Recebemos uma turma da Oficina Literária Puntel onde a maioria dos estudantes cursam o ensino médio. Quando perguntei ao grupo o que era arte contemporânea, um deles comentou que não compreendia como objetos simples poderiam ser considerados obras de arte e usou como exemplo o caso que ocorreu no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, em que um visitante deixou um par de óculos no chão do museu e muitos pararam para observar, acreditando que tratava-se de uma obra de arte. Aproveitei a oportunidade e indaguei sobre a situação, retirei os meus próprios óculos e os coloquei no meio da roda. Pedi para que analisassem os óculos como obra de arte. Depois de alguns instantes foram apresentadas relações do objeto com o olhar, com o ato de observar e como acessório, que pode expressar um estilo pessoal. Procurei esclarecer outras questões fundamentadas por esta discussão, como o ato de observar a obra com atenção e de interpretá-la a partir de referências pessoais e do olhar sobre os objetos do dia-a-dia, da poesia que pode ser encontrada no cotidiano.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**

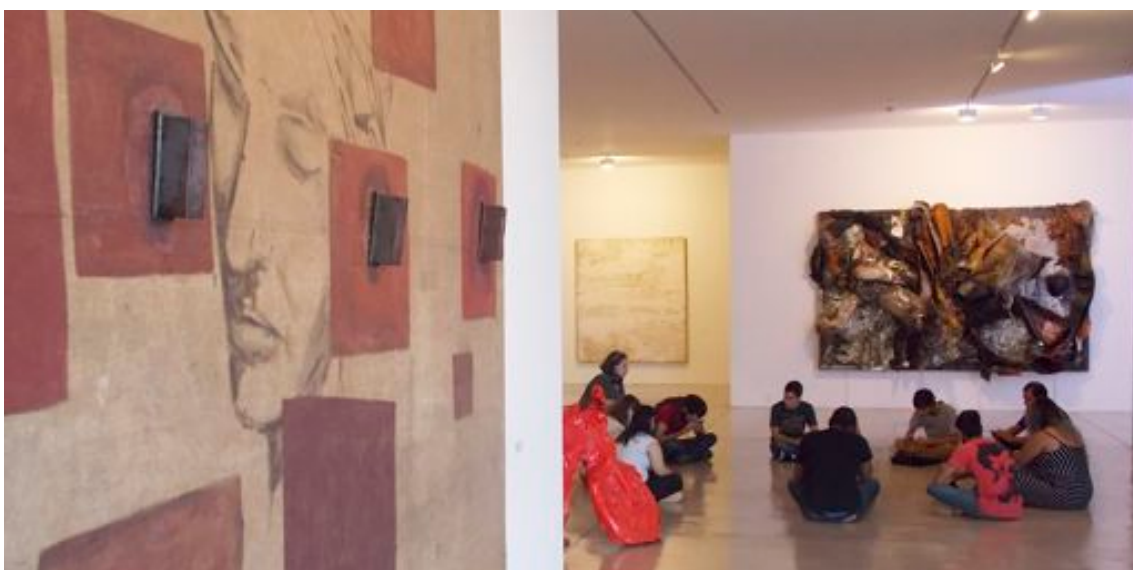
“O planeta vermelho que havia: árvores, animais e água vermelha. E no meio da floresta havia uma menina vermelha com saia de cristais e com seu cachorro”.

(Estudantes de 12 a 13 anos)
Poema criado a partir da obra de Nazareth Pacheco (São Paulo, 1961), *Sem Título* (1997).

“Em uma das visitas, as crianças estavam muito agitadas e relutantes no quesito reflexão, não conseguindo sair de comentários lugares-comuns. Por esse motivo sugeri que ficassem uma ao lado da outra, e em seguida que fixassem o olhar na obra *Relâmpago* de Leandro Lima (São Paulo, 1976) e Gisela Motta (São Paulo, 1976), por alguns segundos. Logo que eu pronunciasse a palavra “fechar”, elas deveriam fechar os olhos e permanecer assim por alguns segundos. Durante o tempo em que os olhos das crianças estavam fechados, perguntei quais as cores que eles conseguiriam ver, além da quantidade de luzes. E também se a obra de arte transmitia a sensação de quente ou frio, escuro ou claro, se fazia algum barulho, entre outras perguntas. A intenção foi provocar a ideia de quantas coisas elas podiam ver se olhassem com mais atenção, em vários ângulos e de várias formas diferentes. Desse modo foi possível despertar o interesse e a curiosidade das crianças, as quais a partir desse momento aproximaram-se de outras obras, deitaram-se no chão para olhar de um novo ângulo, estenderam as mãos próximas à obra de arte para sentir sua temperatura, cheiraram-na, e assim registraram no papel toda a sua interpretação de acordo com o exercício proposto.” **Ingrid Ostan, arte-educadora.**

“Na entrada do IFF há uma obra do artista brasileiro Osmar Dálio (São Paulo, 1959). É uma escultura de aço corten enorme. Percebi que, por estar do lado de fora, ela poderia

me ajudar na introdução da visita com uma turma da escola municipal. Pensando que para muitos deles a vinda ao IFF seria a primeira vez em um ambiente de arte contemporânea, criar uma expectativa para entrar poderia ser interessante. Perguntei o que eles imaginavam encontrar do lado de dentro e, quando lhes perguntei, as respostas fugiram do esperado. Fósseis, armas antigas, retratos de pessoas importantes são alguns dos exemplos dado por eles. Depois disso, perguntei se eles haviam reparado na grande obra que estava ali ao lado e pedi para que todos se aproximassem dela. Estimulando-os a pensar sobre a idade que ela teria, o material de que foi feita, os diferentes ângulos de observação, se mudariam alguma coisa e o que mudariam, etc. A diversidade de respostas foi fascinante para eles. Como uma mesma obra poderia criar tantos significados diferentes? Esse momento foi propício para nos apresentarmos e criarmos uma certa cumplicidade. Ficaram à vontade para emitir suas opiniões e curiosos para ver as obras que viriam depois.” **Gil Neto, arte-educador.**



CAIXA DE IMAGENS, TEXTOS E OBJETOS

“Quando trabalhamos com as fotos dos artistas é possível criar dinâmicas e aproximá-los de forma mais sutil das obras de arte. Pergunto-lhes como eles imaginam que sejam e quais obras teriam criado, esta prática tornou possível quebrar a atmosfera de timidez para desenvolver conversas com assuntos mais abstratos. Ao contrário do bombardeio de imagens nas redes sociais, aqui os estudantes são incentivados a olhar mais atentamente, refletir e criar novas percepções.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**

“Recebemos a turma de estudantes da Faculdade de Música da Unaerp. Fizemos uma abordagem muito especial para a ocasião: dividimos a turma em duplas, selecionamos alguns compositores eruditos contemporâneos e enviamos arquivos de áudio com as músicas de forma sortida para cada uma das duplas. Eles deveriam, então, escutar o áudio e escolher uma obra que remetesse à sensação que esse áudio trouxesse para escrever um texto que expressasse esta experiência, estabelecendo uma ligação entre os sentidos da audição e da visão. Em alguns casos, duplas escolheram a mesma obra de arte para músicas completamente antagônicas em seus estilos. Em outros, a sinestesia dos sons com as cores e formas foi o que orientou a experiência.” **Gil Neto, arte-educador.**



“Sagração da Primavera
A obra apresenta cores vivas, nos remete à uma selva, aparentemente confusa e desorganizada, mas que ao mesmo tempo mostra sua força através de um ciclo renovado. A música inicia de forma tensa, representando este conflito, em grande parte do trecho selecionado e mostra ao final um ponto culminante, festivo, alegre, para nós, representando essa expansão da natureza.”

Relação construída entre Ígor Fiódorovitch Stravinsky (Rússia, 1882 – 1971), *Sagração da Primavera* (1912-13) e a obra *Sem Título* (1991) de Nuno Ramos (São Paulo, 1960).

Stravinsky
The Rite of Spring
Arranged by the Composer
(Le Sacre du Printemps)
Part I - The Adoration of the Earth
Introduction




“A obra retrata um padrão estético, através de um movimento de uma bailarina. Como a obra foi construída em vários elementos representativos do corpo de uma bailarina, há possibilidade de desconstrução da obra para criar algo totalmente novo, com critério de uma visão abstrata de um novo artista.

A mesma analogia pode ser aplicada a música de Pierre Boulez, onde ele utiliza dos mesmos elementos musicais convencionais para construir uma música sob novas perspectivas, desconstruindo paradigmas de combinação dos elementos musicais.”

(Estudantes de 21 a 39 anos)

Texto criado a partir das obras de *Le Marteau Sans Maître* (O martelo sem mestre)¹, (1934-35) Pierre Boulez (França, 1025 – 2016) e Mônica Piloni (Curitiba, 1978), *Bailarina* (2007).

le marteau sans maitre

I

avant «l'artisanat furieux»

Rapide (♩ = 168) pierre boulez




¹ Obra baseada em uma poesia de René Char (França, 1907 – 1988) para contralto e seis musicistas.



Exercícios de arte

“... aquilo que o homem toca se tinge de intencionalidade: é um ir em direção ao mundo do homem é o mundo do sentido. Tolera a ambiguidade, a contradição, a loucura ou a confusão, não a carência de sentido. O próprio silêncio está povoado de signos.” Octávio Paz, (México, 1914-1998).

“A comunidade profissional da arte é vista como um reflexo da sociedade, por exemplo, influenciada pelo capitalismo e pela industrialização, e propõe que se atue como uma forma de crítica cultural, o que significa responder à sociedade dentro da qual está imersa.” **Vera Barros, Coordenadora do Educativo IFF**

“Habitualmente pergunto a todos do grupo se eles se consideram indivíduos criativos, na maioria das vezes as respostas ficam entre o “não” e o “mais ou menos”, poucos sentem-se confiantes o bastante para o “sim”. Às vezes interrogo sobre as profissões que desejam seguir e, em seguida, se é preciso ser criativo para ser um bom profissional. Depois de pensarem alguns instantes, respondem positivamente, é preciso ser criativo para ser um bom médico, um bom engenheiro, veterinário ou jogador de futebol. No decorrer dos exercícios de arte, é possível notar o entusiasmo ao verem as ideias organizadas na criação do texto. Notei a importância de incentivá-los demonstrando interesse pelos pensamentos que vão surgindo e alimentar as reflexões com novas perguntas.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**

“Em geral há um impacto e surpresa ao entrarem no IFF, onde tudo é novo, arquitetura e obras contemporâneas. Daí a importância de apresentá-lo, percorrer o espaço calmamente. Depois proponho uma discussão relacionando as obras de arte com a abordagem escolhida. Tem sido importante levá-los a refletir sobre suas próprias curiosidades, para registrarem suas ideias no papel dos exercícios de arte que, depois, serão apresentados e compartilhados por todos.” **Ingrid Ostan, arte-educadora.**

Trama Poética:

Dentro do território do arte-educador, os estudantes escolhem duas ou mais obras, conectando-as com barbante colorido e fita adesiva, criando assim uma relação entre elas. Em seguida registram e comentam o porquê de suas escolhas.

**“Visceral
Alma**

O que é incerto!

Caos crescimento

**Respostas que nos levam a outros
questionamentos, que nos levam a respostas
que nos levam a outros questionamentos
Sem fim.”**

(Estudantes 30 e 52 anos)

Relação feita entre as obras *Sem Título* (1992) de Rodrigo Andrade (São Paulo, 1962), *Sem Título* (1991) de Nuno Ramos e *Pai, Filho, Espírito Santo* (1991) de Dudi Maia Rosa (São Paulo, 1946).

Poema:

Com base no material de abordagem distribuído pelo arte-educador, o estudante seleciona uma obra para observar e criar um poema.

“A palavra quando é criação desnuda. A primeira virtude da poesia tanto para o poeta como para o leitor é a revelação do ser. A consciência das palavras leva à consciência de si: a conhecer-se e a reconhecer-se.” Octavio Paz (México, 1914 – 1998).

**“Estava no Instituto vendo várias obras,
Quando olhei para frente e falei Nossa
Senhora,**

Que obra mais louca e toda confusa,

Estava observando e logo fiquei maluca.

Vi várias formas difícil de entender,

**Tive que chamar o Gil para poder
compreender,**

No final eu entendi que é tudo misturado,

**Os sentimentos, os objetos que formam um
belo quadro.”**

(Estudantes de 16 a 20 anos)

Enigma:

Os estudantes podem criar e escrever frases, perguntas, poemas ou uma performance para apresentar aos outros grupos. Estes devem tentar adivinhar sobre qual obra o autor se refere.

“O enigma nos esclarece de algo que a lógica desmente.” Vera Barros, coordenadora do Educativo IFF

**“A espera de um novo mundo em que
eu possa viver normalmente, de abrir
minhas asas, sem medo de viver, sentir, me
expressar, descobrir o meu próprio mundo,
sem regras, viver livre do jeito que sou, sem
vergonha.**

**Neste mundo completamente obscuro em
que não sei quem sou, quero me descobrir,
me ver em um lugar melhor, diferente,
quem sou eu? Onde estou?”**

(Estudantes de 11 a 12 anos)

Enigma criado a partir da obra de Janaína Tschape, *Sala de Espera (Terraces)* (2001).

“1. O que você sente neste momento?

R: Eu sinto concentração, foco e paz.

2. O que você tenta transmitir para nós?

R: Tento trazer a vontade de pensar de entender de descobrir.

3. Qual é o significado das cores de sua pintura?

R: O amarelo traz: concentração, o azul traz: paz e o vermelho traz: foco.”

(Estudantes de 11 a 12 anos)

Poesia feita a partir da obra de Claudio Edinger (Rio de Janeiro, 1952), *Plate 01, Andaraí* (2010).

Jornalista:

Depois de escolher uma obra, e olhá-la atenta e calmamente, os estudantes se colocam no papel de entrevistadores: criando perguntas que gostariam de fazer a obra, procurando eles mesmos respondê-las ou de entrevistados, imaginando perguntas que a obra faria.

“ Perguntar é muito mais importante do que responder.”

Vera Barros, coordenadora do Educativo IFF.

“Iremos mostrar os movimentos manipulados: 1 pessoa será a Bailarina e as outras duas representam a sociedade manipuladora.

Para mostrar a liberdade de escolha, a manipulação já não fará mais efeito.

A obra nos passa um sentimento de prisão, tensão e existência de algo pré-determinado.

As caixas separadas junto com as partes do corpo da bailarina expressam a manipulação dos movimentos que, diante da vida, podemos comparar com a influência da sociedade sobre nós.

Apesar de haver o “padrão social”, todos têm a liberdade de se expressarem de maneiras diferentes.”

(Estudantes de 18 anos)

Performance criada a partir da obra de Mônica Piloni (Curitiba, 1978), *Bailarina* (2007).

Performance:

Cria-se uma expressão corporal que represente a sua percepção da obra elegida.

Os arte-educadores e seus projetos autorais

“ O trabalho dos arte-educadores do IFF se assemelham ao processo de criação do artista. Eles assumem a condição de autores.” Vera Barros, Coordenadora do Educativo IFF.

- A ELABORAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS PROJETOS EDUCATIVOS PERSONALIZADOS SÃO BASEADAS NOS PRINCÍPIOS DO PROGRAMA EDUCATIVO, NO EIXO CURATORIAL, NOS ESTUDOS REALIZADOS NOS SEMINÁRIOS, NAS PESQUISAS E REFLEXÕES COOPERADAS SOBRE AS POSSÍVEIS ABORDAGENS TEMÁTICAS E EXERCÍCIOS DE ARTE E, EM ESPECIAL, NA CURIOSIDADE INTELLECTUAL E NO REPERTÓRIO DE CADA ARTE EDUCADOR.
- O PROJETO AUTORAL NÃO É UM DOCUMENTO FECHADO, MAS UMA PROPOSIÇÃO QUE SE NUTRE PELAS ATITUDES E EXPERIÊNCIAS COM OS VISITANTES, COMO FONTE DE PESQUISA, AO LONGO DO TEMPO.
- CADA EDUCADOR INICIA SUAS DESCOBERTAS AVERIGUANDO AS “QUESTÕES CENTRAIS” DA OBRA DE CADA ARTISTA DO SEU “TERRITÓRIO”. SÃO DEMARCADOS “TERRITÓRIOS” NO ESPAÇO EXPOSITIVO PARA QUE FOCHEM SUAS PESQUISAS EM ALGUNS ARTISTAS QUE SÃO O ASSUNTO PRINCIPAL DO PROJETO AUTORAL DE NATUREZA INVESTIGATIVA, SUJEITO A TRANSFORMAÇÕES E ABERTO À TROCA DE IDEIAS DE TODOS.
- PODER ESCOLHER OS ARTISTAS QUE SE DESEJA PESQUISAR É IMPRESCINDÍVEL PARA QUE HAJA A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO “AINDA NÃO EXISTENTE”, “FRESCO”, OU SEJA, SEM VÍCIOS TEÓRICOS, METODOLÓGICO OU DE LINGUAGEM.

“Delimitar um eixo de trabalho em um território, um espaço escolhido em que há a presença de mais de uma obra de arte é um desafio, especialmente obras com potências singulares e muitas vezes antagônicas. Entretanto, com o estudo de cada uma delas, e também com as experiências obtidas com o público, passamos a entender melhor como as obras se relacionam entre elas e também com aqueles que as observam.

As obras que compõem o território delimitado possuem forte materialidade, o que faz com que seu aspecto formal exerça sobre o espectador um movimento ativo de atração; seja pelas cores, pela dimensão, textura... Enfim, seus aspectos formais e materiais conquistam o olhar do espectador. Talvez essa potência possa ser entendida por meio do uso que esses artistas fazem do excesso, cada um a sua maneira.

Tomei como ponto de partida para uma reflexão mais aprofundada acerca dessas obras as investigações e pesquisas técnicas desenvolvidas por cada artista. O modo como se apropriam dos materiais que usam, parece-me uma preocupação central, e é através disso que o excesso pode ser percebido.

Em *Sem Título* (2013), Teresa Viana (Rio de Janeiro, 1960), a textura e as cores sobrepostas nos transmite uma sensação de excesso de camadas, uma construção da tela para fora que nos causa sensações antagônicas, como atração e repulsa. A obra *Sem Título* (1992) de Rodrigo Andrade (São Paulo, 1962), com o excesso de corpo, de tinta sobre a tela, torna a experiência de apreciação um exercício: figuras quase abstratas tentam encontrar significados na memória de quem a observa. Dudi Maia Rosa (São Paulo, 1946), em *Pai, Filho, Espírito Santo* (1991) através de sua técnica, nos deixa vestígios colocados propositalmente, configurando às obras um ar de ancestralidade, um excesso de camadas de tempo. Jorge Guinle (EUA, 1947 — 1987) deixa claro seu embate com a tela em suas pinceladas em suas obras *Dispineia Parafernática* (1981) e *Threshold* (1985). As cores utilizadas e as manchas que se formam na tela, brincam com nossa noção de real, como se estivessem sido pintadas naquele exato instante. Sérgio Romagnolo (São Paulo, 1957), nos excessos de dobras que se cria no material plástico da obra *Moto* (2000), exalta uma ausência de forma. E Nuno Ramos (São Paulo, 1960), que vê o plano como depósito para suas criações, atinge nossa visão com um excesso que chega a ferir. É como se, através da tensão construída, nos levasse diretamente para dentro daquilo que invade o espaço tridimensional.” **Gil Neto, arte-educador.**



ANDRADE, Rodrigo (São Paulo, 1962)
sem título, 1992
óleo sobre tela
191 x 240,5 cm

“Acompanhei o arte-educador Caio Drusus durante o ano e como eu o substituí, dei continuidade ao seu projeto autoral. O projeto tinha como base “o que o olhar transforma” e “o que transforma o olhar”. Tratava-se de um processo pela a apreciação profunda das obras, ao contrário do sentido de superficialidade da vida contemporânea, efetivamente uma experiência que torna o visitante o principal protagonista. A escolha do “território” e seus desdobramentos foi feito pensando exatamente na relação de como a arquitetura do local e sua influência na obra de arte. Considerando a arquitetura e a disponibilização das obras é perceptível como estas conversam entre si, criando múltiplas interpretações sobre foco, perspectiva, materiais, formas, cores e textura. Nesse contexto, o visitante se torna curador, onde tem a liberdade para reorganizar as obras ao seu critério.” **Ingrid Ostan, arte-educadora.**



“A exposição *Diversidade no nosso tempo* (2017) reúne obras sob a temática do feminino. O conjunto abrange, em múltiplas formas, cores e gestos, do feminino nu ao coberto, exalando-se sob o peso das tensões e portanto, essas imagens mexem diretamente com o espectador, independente do gênero, idade ou trajetória individual.

Desde os primórdios da divisão de gênero no período neolítico, a mulher esteve muito ligada à natureza, responsável pelo cultivo das plantações e pela criação dos filhos, contemplando e compartilhando de seus mistérios. Este corpo e suas simbologias foram objetos de curiosidade e devoção, representados em pinturas rupestres, amuletos, artefatos e em toda a história da arte.

Hoje, o feminino deixa de ser só produto de admiração, e passa a ser abordado pela arte contemporânea, que conta com um número cada vez mais significativo de mulheres artistas, que contestam os padrões expostos exaustivamente na mídia, estimulando estereótipos no imaginário coletivo.

Algumas obras se destacaram, exercendo uma atração, impondo-se ao visitante, exigindo sua atenção como, por exemplo, as obras da artista iemenita Boushra Almutawakel (Iémen, 1969), das brasileiras Mônica Piloni (Curitiba, 1978) e Dora Longo Bahia (São Paulo, 1961), e da argentina Nicola Constantino (Argentina, 1964); outras, mais discretas, como a do artista japonês Massao Yamamoto (Japão, 1957) e do fotógrafo João Paulo Farkas (São Paulo, 1955), aguardam os olhares mais atentos.

As questões centrais das pesquisas de cada artista surgem naturalmente nas conversas, mesmo com as crianças como, por exemplo, padrão de beleza, violência, depressão e opressão de gênero que são citados espontaneamente. A partir das primeiras percepções, coloco questões para estas ideias sejam desenvolvidas e aprofundadas. É preciso deixar que o visitante tenha um primeiro momento para si, de contemplação dos rostos que o cercam, de reconhecimento do seu feminino no outro.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**



Diversidade de público

“ Nada mais prático do que a filosofia: o que significa viver junto? Por que as pessoas só se comunicam superficialmente? Por que não conseguem se expressar verdadeiramente, nem pessoas, nem grupos, nem nações? Por que se escuta cada vez menos? Vera Barros, Coordenadora do Educativo IFF

O Educativo IFF recebe grupos agendados a partir de 6 anos de idade até grupos de idosos. Essa diversidade torna-se de extrema importância para enriquecer a experiência educativa e produzir uma diversidade de conhecimentos com novas ideias, perspectivas e experiências pessoais que muitas vezes se misturam aos diálogos criados entre as obras da exposição, criando tensões e afetividades. Os encontros entre obras e indivíduos que ocorrem no IFF, revelam a potência da arte contemporânea, que suscita dúvidas e desafios em distintos públicos em suas singularidades.



CRIANÇAS

Existe, incontestavelmente, uma espécie de encantamento na infância. As crianças, mais que qualquer um, têm uma ligação muito estreita com o mundo criativo, com o “brincar de faz de conta”, com a inovação do ambiente circundante, tornando o que é banal, encantadora novidade. Por isso, o contato das crianças com a arte contemporânea é tão surpreendente.

“As crianças espalham-se por todo o espaço expositivo com seus olhares curiosos. Com uma perspectiva diferente, que vai muito além da imaginação, elas transformam as obras em personagens, lugares e planetas; “conversam” com os artistas e descobrem os segredos e histórias que as obras têm para contar. Um caso que especialmente chamou-me a atenção foi a história criada sobre obra *Retrato Cego* (1993-1994) de Iran do Espírito Santo (Mococa, 1963), por uma dupla de crianças.” **Ingrid Ostan, arte-educadora.**

“O cegueta

Um dia, um homem cego havia se mudado para uma vila, o homem era zombado pelos seus vizinhos, esses o apelidaram de cegueta. O homem era totalmente cego, mas enxergava mais que muitas pessoas, ele reparava em tudo, em cada detalhe. Ele não gostava de ‘ver’ as pessoas apenas trabalharem, e muito menos de saber que elas apenas prestavam atenção apenas no trabalho. Um dia o homem resolveu tomar uma atitude, ele pensou que se as pessoas fossem detalhistas assim como ele era elas podiam ser mais felizes.

Então enquanto todos dormiam o homem com a ajuda de seu cão guia, entrou na casa das pessoas e colocou uma mascara de dormir nelas, junto com elas ele colocava um rádio. Ao amanhecer ninguém estava vendo nada, o homem apelidado de cegueta começou a falar pelo rádio: - Olhem para si mesmos, não tirem a máscara dos olhos, pensem em qualquer coisa, menos no trabalho, viajem pelo mundo de um jeito diferente.

Desse dia em diante todo na vila mudaram sua forma de viver, eles foram mais gentis e educados, todos pararam de apelidar o homem cego, passando assim a chamá-lo pelo nome, Marcos.”

(Estudantes entre 11 e 13 anos)

“Estiveram no IFF os estudantes do sexto ano da Rede Municipal de Ensino de Ribeirão Preto. Demonstraram, prontamente, pensamento abstrato e logo na conversa inicial, todos participaram com comentários interessantes. Um dos grupos escolheu a obra *Bailarina* (2007) da artista Mônica Piloni (Curitiba, 1978) e optaram por criar uma poesia misturando pronomes femininos e masculinos, pois consideraram que, pelo fato de a figura não possuir órgãos sexuais, a obra deveria representar um ser que possibilita ambos os gêneros, masculino e feminino. Durante a visita pelo espaço expositivo, ao passarmos pela obra *Secção Diagonal* (2011) do artista Marcius Galan (EUA, 1972), uma das estudantes comentou: essa obra é sobre uma pessoa vazia. Quando paramos observar a obra *Sem Título* (1991) de Nuno Ramos (São Paulo, 1960), novamente ela mencionou: eu acho que o artista coloca em cada obra um pouco de si mesmo, eu gostaria de conhecer ele, ele deve ser uma pessoa interessante.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**



ENSINO MÉDIO - ESCOLAS PÚBLICAS E PARTICULARES

É sempre um estímulo recebermos estudantes que estão cursando o ensino médio. É uma etapa importante de transição, ingresso na vida adulta. Começa-se a descobrir melhor o mundo e a conhecer-se melhor. Dúvidas e opiniões, seguranças e inseguranças convivem todas ao mesmo tempo. O Educativo IFF é cúmplice desse processo porque procura estimular os adolescentes a interpretar o mundo com novos olhares para formularem suas próprias opiniões.

“Um grupo específico de estudantes do ensino médio estava se preparando para escolher suas futuras carreiras profissionais o que, por fim tornou-se o ponto forte da nossa conversa. Questionei qual a relação da arte – suas cores, sabores, texturas e movimentos artísticos -com as diferentes profissões? Será que tudo isso pode ser encontrado em um laboratório de química ou em uma clínica veterinária?” **Ingrid Ostan, arte-educadora.**

“As cores e formas de um medicamento influenciam em seu uso, assim como nas obras. Não confiamos em um remédio grande e de cores escuras, de imediato pensamos em antidepressivos, em gostos fortes e texturas ásperas, mas, ao se pensar em um comprimido pequeno, redondo, azul ou rosa claro, logo assimilo com um pequena dor de cabeça, com um alívio imediato e acredito não ser tão forte quando o remédio citado anteriormente. Assim também me sinto com algumas obras.”

(Estudantes entre 16 e 17 anos)

“Já no território escolhido, lemos alguns trechos de textos sobre arte contemporânea e outros trechos literários.

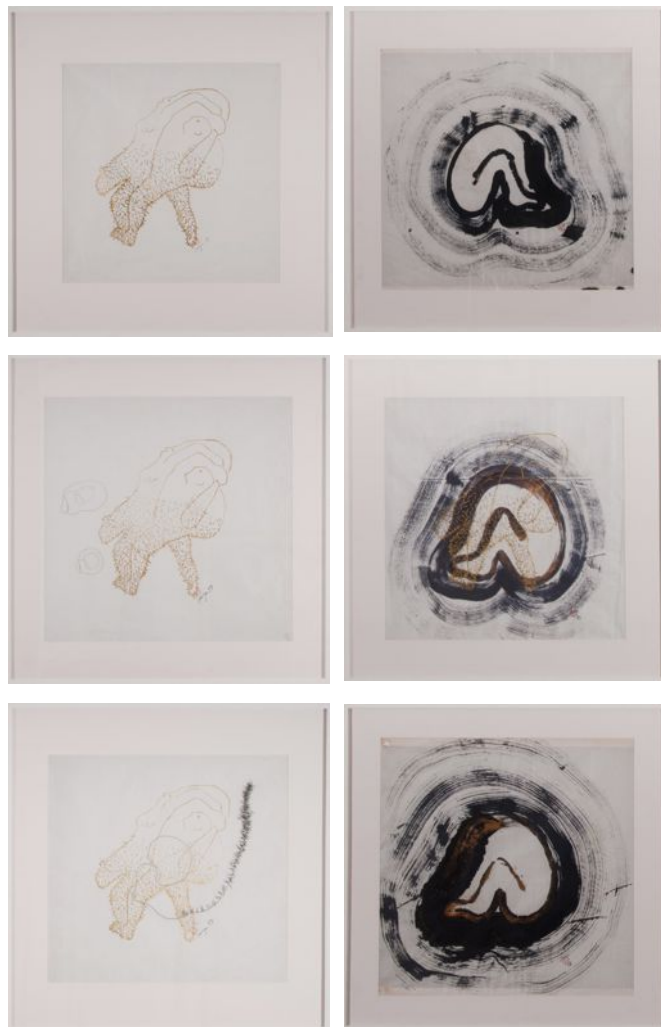
Conversamos um pouco sobre o que esperavam da visita, o que conheciam sobre arte, o que os encantava, o que os tirava o ar, o que incomodava, o que desassossejava o pensamento e, partir de minipoemas, eles escolheram uma obra de arte para realizar o exercício de arte.

Na obra *Figura do Trapézio* (1989) de Luiz Paulo Baravelli (Carapicuíba, 1942), um dos grupos escreveu:

“era isso mesmo que esperávamos, ver outras representações de arte que não fossem só pintura”. **Caio Drusus, arte-educador.**

**“Mente cheia, coração vazio
sufocado pelos pensamentos
a frieza bate à porta
desligando os sentimentos
desejo a minha liberdade
trincando essa máscara
para que meu sofrimento acabe
entre traços e tapas
que a brisa leve
tudo que me prende
floreando novamente
o amor da nossa mente.”**

(Estudantes entre 16 e 17 anos).



TUNGA (Palmares, 1952 - Rio de Janeiro, 2016)
sem título, 1987
impressão desenho sobre papel
58 x 56 cm

ENSINO SUPERIOR – Universidades particulares e públicas

Nas vistas de instituições de ensino superior, o IFF tem recebido estudantes de cursos que, muitas vezes, não estão relacionados ao campo das artes. O desafio para os arte-educadores é tentar aproximar diversas áreas do conhecimento com questões trazidas pelos artistas. Para que isso aconteça de forma consistente, a preparação prévia por parte da equipe é imprescindível. Essas experiências são enriquecedoras tanto para a equipe, que tem a oportunidade de buscar conhecer outras esferas de estudo, como para os visitantes, que podem olhar para seus próprios campos de outra forma.

**“Da beleza que desejo
Sou mero espectador
Vivendo em prisões
Sem muros ou grilhões
Ouvindo vozes a gritar lições
Unindo fragmentos impostos
Em busca da perfeição...
Que já não sei se quero mais
CHEGA!!
Florência sou
Prestes a florescer.”**

(Estudantes do curso de Nutrição da
USP – Ribeirão Preto)
Poesia criada a partir da obra de
Mônica Piloni (Curitiba, 1978),
Bailarina (2007).

**“Em seis quadros
Estão os fatos
Em seis quadros há distinção,
mas nestes resume-se dois
Bate um coração.
Bate uma saudade.
A semente que germina,
em uma gestação.
Interior.
Interior da emoção.
Reflexão.
Reflexão do que se foi.
Reflexão do que ficou.
Reflexão do que se é.”**

(Estudantes do curso de Pedagogia)
Poema criado a partir da obra *Sem
Título* (1987), do artista Tunga
(Palmares, 1952 – 2016).





“ PARA PENSAR COM CALMA:

É curioso refletir sobre o fato de que a adolescência agora vai até os 24 anos de idade, e não só até os 19, defendem cientistas e que ao mesmo tempo, já nasceu a criança que vai viver mais de 150 anos. E pensar também que, com o avanço da medicina, idosos do século XXI passarão a viver bem mais e que a vida já pode ser criada em laboratório. Será que a inteligência artificial sobrepujará a inteligência humana?” Vera Barros, Coordenadora do Educativo IFF.

IDOSOS

Receber os grupos de idosos do TSI (Trabalho Social com Idosos) do Sesc de Ribeirão Preto e do grupo atendido pelo projeto dos estudantes do curso de neurociência da USP de Ribeirão Preto, é sempre uma experiência diferenciada e enriquecedora. O contato de pessoas da terceira idade com a arte contemporânea desperta, muitas vezes, uma miríade de memórias de um passado adormecido e analogias que resultam em um curioso sincretismo artístico. Uma fusão entre passado presente onde não há, curiosamente, pré-julgamentos, preconceitos e críticas à arte contemporânea.

Durante um dos encontros, um casal de visitantes optou por fazer o exercício em dupla. Em razão de dificuldades em escrever, enquanto a esposa relatava em voz alta sua interpretação, eu transcrevi para o papel exatamente como ela se expressava, enfim, pronunciava as palavras.

Eram obras relacionadas com o passado e não com o presente. Sendo assim, a obra que mais prendeu a atenção do casal foi *Vênus de Havan* (1993) de Julio Villani (Marília, 1956), pois remetia à sua época de infância, onde seu desejo era possuir uma boneca, o que a situação financeira de sua família não lhe permitia. A alternativa que ela encontrou foi criar suas próprias bonecas de sabugo de milho, saco de pano, madeira, entre outros materiais. **Ingrid Ostan, arte-educadora.**

“Qual o sentido de estar sem braços e pernas? Era uma boneca linda, que pertencia a uma menina há muitos anos atrás, que o tempo degradou, retirando suas pernas, braços e cabeça, suas peças se perderam. Essa boneca falava, sua frase se repetia, chamando assim sua mãe, a dona da boneca. Um dia a menina estava brincando e perdeu sua boneca, provavelmente a esqueceu em algum lugar, que com o passar do tempo foi encontrada. “A pessoa que encontrou a boneca, mesmo deteriorada pelo tempo, conseguia sentir o quanto ela foi importante para alguém, o quanto ela fez sua antiga dona sorrir, resolvendo assim compartilhar esse sentimento com o mundo.”

Natalina e Masar.

Grupo de idosos acompanhados pela Professora de Neurociência e Ciência Comportamental Carla da Silva Santana, da USP.”

OFICINA LITERÁRIA PUNTEL

A Oficina Literária Puntel traz sempre um público diferente para o IFF. Em sua maioria, são estudantes que estão se preparando para o vestibular; tentando abarcar uma montanha de conteúdo para estar preparado, tarefa que não é nada simples. Tentamos pensar em uma visita que os fizessem refletir sobre como a arte pode ter um papel importante no desenvolvimento da subjetividade e o quanto isso é importante para a formação de um ser contemporâneo. As obras e o espaço do IFF geraram espanto e reflexão, e as interpretações começaram a transbordar espontaneamente, foram trocadas com aqueles que estavam por perto. A visita se tornou uma experiência compartilhada.

O exercício sugerido para o grupo foi o de escrever uma redação, que tivesse como referência uma obra escolhida pelos próprios visitantes e também um texto que lemos juntos: *Por que gritamos tanto?* de Juan Arias (Espanha, 1932). O que foi produzido por eles nos fez refletir sobre alguns pontos do que vimos.

Um exemplo de texto, escrito por alguém que não se identificou, retrata bem essa visita. A obra escolhida foi *Dispineia Parafernática* (1981) de Jorge Guinle (EUA, 1947 — 1987). Uma obra que, em suas cores e manchas, instiga o espectador a procurar uma referência real, que quando encontrada dura pouco, não se sustenta, logo se esvai. A solução foi a criação de uma cena imaginária, que se fez aparecer nas manchas abstratas de forma arbitrária. Para isso, foi necessário trazer outro sentido: o paladar, usar só a visão não foi suficiente. O texto *Por que gritamos tanto?* foi descartado, apenas a obra foi analisada. A reação sinestésica desenvolvida pela estudante não poderia ter acontecido sem o tempo necessário de apreciação. Foi preciso parar para que algo novo pudesse ser criado. **Gil Neto, arte-educador.**

“A obra *Dispineia Parafernática* (1981) de Nuno Ramos (São Paulo, 1960) passa a sensação de um ambiente selvagem devido às cores fortes, ao traçado pesado e à ausência de contornos. Uma situação conflitante, apimentada com tons de vermelhos evidenciando uma disputa.

Já quanto a aspectos formais, configura uma representação de um homem a cavalo, à galope, com indígenas perseguindo-o. Nesse sentido a obra confere a sensação de busca pela liberdade, na qual as cores vermelhas à frente do cavalo sugerem a liberdade chegando, os indígenas sendo libertos, expulsando o opressor à galope, como se a ausência deixada pelo cavaleiro conferisse liberdade.

As linhas e tracejados, por fim, sugerem movimento horizontal da direita para a esquerda, como uma ação rápida, um conflito.”

(Estudantes de 15 a 17 anos)

ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES VISUAIS DE RIBEIRÃO PRETO E REGIÃO

A parceria com a ADEVIRP traz para o Educativo IFF o privilégio de trabalhar com os deficientes visuais atendidos pela instituição. A experiência de recebê-los no espaço expositivo e ouvir sobre as percepções de cada um, é única e gratificante. Disponibilizamos algumas obras para que todos possam fazer a apreciação tátil, além do material em braile que foi produzido este ano, também em conjunto com a ADEVIRP, com descrições das obras e pequenos poemas que proporciona uma experiência mais completa aos visitantes.

“As visitas dos grupos agendados pela ADEVIRP são planejadas com muita antecedência, buscando sempre atendê-los da melhor forma, possibilitando a todos uma experiência estética. Primeiramente nos sentamos em círculo, nos apresentamos e conversamos de forma breve sobre as expectativas do grupo em relação à visita. Minipoemas foram preparados em braile e entregues a cada um, para que todos pudessem ler em voz alta e discutir em grupo.

Sobre a frase “Escolhe para cada pensamento uma cor”:

“Arco-íris.

Se cada pensamento tem uma cor e nós temos múltiplos pensamentos, nosso cérebro cabe muita coisa, que vai da imaginação.”

Associaram o preto ao deficiente visual.

Vermelho à paixão e à guerra.

Dona Maria relacionou a cor roxa a depressão e ao luto, devido à memórias de infância.

Sobre a frase “Guarda conversas embaixo da mesa”:

“Não sei se eu entendi, mas tem que guardar para você, tem coisas que você não deve falar. Gente sincera demais é chata.”

“Jogar embaixo da mesa aquilo que não me edifica, que não me serve.”

“A palavra, assim como uma arma, pode matar a gente por dentro.”

Em um determinado momento, perguntei como eles achavam que a Moto (2000), do artista Sérgio Romagnolo (São Paulo, 1957), teria sido feita e um dos estudantes me disse que havia sido feita com plástico derretido com fogo. Perguntei então por que o artista tinha escolhido o fogo, ela respondeu: “porque o fogo é criativo”.

A partir da descrição da obra *Tramas diárias* (2010) da artista Lilian Maus (Salvador, 1983), perguntei se todos sabiam o que era um ninho, um deles respondeu: “Um ninho é uma tigelinha de galhos”. Perguntei também se alguém já tinha pensado em transformar um desenho em um objeto tridimensional, um dos estudantes respondeu que sim “transformei meu desenho em uma bolinha de papel.”

Com um outro grupo, propus que cada um atribuísse à sua melhor lembrança, uma cor: azul, vermelho, verde, rosa, branco, amarelo. Em seguida, um cheiro: de mar, rosas, perfume, doce, mato, flores, arroz refogado e café.

Interessante perceber como os adultos que perderam a visão lidam com questões de memória, como se apegam aos cenários visuais que ainda possuem e dão novos significados para as percepções táteis.

Durante a leitura dos minipoemas, Silvania, uma mulher já adulta, não sabia o que era uma foca. “Focas gostam de fofoca”, ao saber que era um animal marítimo, imaginou que fosse agitado e relacionou com a agitação que uma fofoca pode provocar. Ela também nos disse que atribui a cada nome uma cor.

É admirável observar como eles interpretam as coisas do mundo sem a visão. Atribuem outros adjetivos, cheiros, sons, presenças. Isso faz com que nós prestemos mais atenção nesses sentidos que ficam ofuscados pela visão. Ficamos o resto da tarde imaginando cores para nomes.

José recebeu a frase “galinhas são neuróticas” e nos contou como são as galinhas do sítio onde trabalha.

Daiana imaginou a *Moto* (2000), do artista Sérgio Romagnolo (São Paulo, 1957), amarela.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**

RELATOS DOS VISITANTES

“Gostei muito da dinâmica que antecedeu a nossa vivência e reconhecimento da catedral, pois ela nos lançou frases muito reflexivas sobre o possível significado da obra.” Carmem.

“Sou uma pessoa extremamente leiga com respeito a arte, por isso algumas obras me fizeram ficar até mesmo um pouco chocada, apesar de ter baixa visão, havia uma obra muito grande em uma das paredes que podia representar tantas coisas, que não chegamos a nenhuma conclusão.” Márcia.

“Tentar imaginar qual significado o autor da obra quis dar para aquela Catedral repleta de água salgada me pareceu intrigante.” Fábio.

“Para mim dentre todas as obras expostas, a de Vanderlei Lopes foi a que mais se destacou. Sabendo do significado religioso que a Catedral de Notre Dame assume, vê-la de cabeça para baixo e cheia de água salgada “que para mim significa algo sem vida” me causou estranheza.” Dirlei.

“Neste passeio vimos uma Catedral de cabeça pra baixo, do artista Vanderlei Lopes. Essa escultura mostrou que o telhado estava submerso. Em segredo fizemos um comentário de que as paredes eram de vidro. Agradeço aos monitores que nos acompanharam. No final ficamos muito satisfeitos.” Anderson.

“Gostei quando nos reunimos em roda. Cada aluno recebeu uma frase e os monitores pediram para a gente explicar cada uma delas. Depois visitamos a escultura de uma igreja de cabeça pra baixo e com água dentro. Vimos também um quadro de escultura feito de lixo. Gostei de tudo um pouco.” Flávio.

“A visita proporcionou vivências significativas e reflexivas, possibilitou vivenciar experiências interativas com material adaptado. A surpresa tomou conta dos visitantes, tudo era novidade: “A imensidão dos espaços, as abordagens elucidativas, as esculturas, a áudio descrição dos quadros”...” Profª Márcia.

“Aqui tudo é diferente... A gente não consegue ser a gente é porque a sociedade impõe. Aqui sinto a liberdade de expressão.” Isabel.

“As escadas, o andar de cima, o piso bem liso, senti que era tudo muito bonito, agradável. Experiência nova, nos faz sentir a importância da arte. Sempre que posso faço questão de participar.” Hélio.

“No Instituto Figueiredo Ferraz no dia que fomos lá estava chovendo e estávamos sentados em círculo refletindo sobre as frases e falando sobre as esculturas que tinha como: Igreja em bronze, moto vermelha que não me recordo agora o material, mas gostei do passeio.” Milena.

“No dia em que nos fomos ao Instituto Figueiredo Ferraz primeiramente nós formamos uma roda e os guias dela sortearam frases para cada um de nós lermos em voz alta e refletirmos sobre aquela frase e depois nós vimos a catedral de bronze.” José Eduardo.

“Ficamos em círculo onde foram sorteadas frases para refletirmos. Depois fomos conhecer a catedral de bronze.” Rayane.





Parcerias

As parcerias tanto formais, quanto informais do IFF com várias instituições de Ribeirão Preto e arredores não se restringem à divulgação das exposições para agendamento de estudantes e do público em geral. Tratam-se de colaborações associativas para produção de novos conhecimentos em artes visuais que geram vínculos sólidos. Seguem relatos de experiência sobre as parcerias que várias instituições de Ribeirão Preto e arredores têm com o Instituto Figueiredo Ferraz:

REDE MUNICIPAL

A parceria entre o IFF e a Secretaria Municipal de Ensino de Ribeirão Preto já existe há cinco anos e é uma parcela muito importante do público atendido pelo Educativo IFF, que recebeu mais de 60 turmas do sexto ano do ensino fundamental em 2017, com um total de 1677 estudantes. Em muitas dessas visitas vivenciamos o primeiro contato com arte contemporânea que provocam muitas dúvidas e perplexidades, mas nos surpreendemos, muitas vezes, com a expressão poética que cada um expressa.

“Recebemos no IFF os estudantes do sexto ano do ensino fundamental da Rede Municipal. Todos participaram e fizeram comentários durante a visita da exposição, falaram muito convictos dos significados das obras, a obra *Sem Título* (2011) da artista Iole de Freitas (Belo Horizonte, 1945) virou um banheiro, com vidros embaçados e mármore no chão; já a obra *2x2* (2009) de Fábio Miguez (São Paulo, 1962) era claramente uma cidade, com prédios, lua, terraços. A obra *Sem Título* (1997) de Edgard de Souza (São Paulo, 1962) tornou-se cabelos longos com orelhas soltas; a obra *Sem Título* (1998) da artista Eliane Prolik (Curitiba, 1960), uma armadilha para ladrões. Quando nos sentamos no território, propus como exercício inicial a criação do nosso planeta, onde tudo poderia ser diferente e todos poderiam contribuir com ideias. Ficaram empolgados e criaram luas de queijo derretido, casas de chocolate, rios vermelhos subterrâneos. Como exercício de arte, criaram enigmas sobre as obras escolhidas. Infelizmente existe uma grande barreira entre a imaginação e a escrita devido à dificuldade na produção do texto, mas isso não influencia diretamente na experiência estética, pois eles podem conversar e complementar as histórias escritas na hora de apresentar aos outros grupos.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**

**“O que é o que é
Que começa de uma cor e termina
com outra
E acaba com a morte
E que é perto de Marte
E que se encontra outras coisas
dentro dele.”**

(Estudantes de 12 anos)
Enigma criado a partir da obra de Leda
Catunda (São Paulo, 1961), *Sete véus* (1996).

**“Você liga e deixa aquecer o
motor, sai na rua soltando fumaça
passando a toda velocidade no
corredor da pista. Chegar ao nosso
destino com nossa motoca.
Não tenho freio e o mortosão gritou,
joguei a luz e fui crescendo em teu
retrovisor. Acelero 2.0 “baguí” virô.
É meu Deus no céu e meu carro
no chão. É borracha motorzão
roncando, ele tá pedindo marcha,
pneu queima o chão, e hoje vai feder
borracha. Tô na estrada, vei, e o
asfalto é o império aonde eu virei
Rei.”**

(Estudantes de 11 a 13 anos).

**“Expressa sentimentos forte!
Como a dor de mortes
Rodopiando o seu pensamento
Ele fica a viajar com o vento!
Dá um abraço inundado de ar
No seu movimento está focado o
olhar
Com muito silêncio e atenção
Conhece os movimentos como a
palma da mão.
Pode expressar tristeza, alegria ou
beleza
O que será que estamos a falar,
E o que para você pode significar?
Pense e fique a imaginar!
Macia e carinhosa
Sem nenhuma parte feiosa
Descubra a charada misteriosa!”**

(Estudantes de 11 a 12 anos)
Enigma criado a partir da obra de Mônica
Piloni (Curitiba, 1978), *Bailarina* (2007).

**“O sonho é o pensamento
Para refletir sobre o sentimento
Para ser feliz e ser atento
É uma imaginação
Para pensar com o coração
É um bom lugar para viver a vida,
para refletir e ser
Para conhecer e saber
Tudo onde começou terminou
Como ouro e uma mina
Arte é tudo que faz
Como se fosse um lar
Curiosidade sem idade
apenas igualdade tendo cada
vez mais diversidade
para seu conhecimento
a vida é ilusão
para ter compaixão”**

(Estudantes de 11 anos)
Poesia criada a partir da obra de Ernesto Neto
(Rio de Janeiro, 1964), *Anatomia do prazer*
(1997).

**“7 véus
1 mulher
7 lutas
7 maridos
7 caixões
7 enterros
1 só coração partido em 7
Perdidas em 7 ilusões
Presas em 1 só coração”**

(Estudantes do 6º ano)
Poema criado a partir da obra de Leda
Catunda (São Paulo, 1961), *Sete véus* (1996).

**“A Incrível Caneta
Parece que nunca íamos ver,
A incrível caneta.
Ela começou a aparecer,
E nós ficamos de boca aberta.
Ela escreve a nossa história,
E nós pulando o muro.
Ela parece dar voltas,
E a gente dar voltas no mundo.”**

(Estudantes de 11 a 12 anos)
Poema criado a partir da obra de Valeska
Soares (Belo Horizonte, 1957), *Cheap
Emotions (Realities)* (1995).

**“Cada gota um sentimento
Gota vai, gota vem**

Gota gotinha chuvisco”

(Estudantes de 12 anos)

Poema criado a partir da obra de Valeska Soares (Belo Horizonte, 1957), *Cheap Emotions (Realities)* (1995).

**“Cuidado para não deixar cair
Se segura para não deixar cair**

A gravidade nos trás”

(Estudantes de 11 a 12 anos)

Poema criado a partir da obra de Ernesto Neto (Rio de Janeiro, 1964), *Anatomia do Prazer* (1998).

“O grupo chegou animado e logo percebi que eram muito curiosos e questionadores. Fomos conversando pelo espaço durante a visita e todos se envolveram interpretando as obras pelas quais passamos. Durante o exercício, me dei conta de que o tema da violência aparece com certa frequência na interpretação das obras. Mesmo em exercícios criados por estudantes mais novos, é possível encontrar histórias complexas sobre violência doméstica e suicídio. No caso citado, a obra *Frida* (1993) de Dora Longo Bahia (São Paulo, 1961), em si já demonstrava certa literalidade em relação ao suicídio, mas mesmo em obras que não explicitam nenhum tipo de violência, muitas vezes surgem textos sobre tristeza, morte, solidão, agressividade. Interessante refletir sobre a relação da influência midiática, afetando diariamente as pessoas, suas percepções e subjetividade.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**

“O suicídio

Elisa tinha um grande sonho de ter um filho, mas após descobrir que estava grávida, foi contar ao marido pensando que o filho era dele, mas após fazer o exame descobriu que era de outro cara.

Quando seu marido descobriu que o filho era de outro cara ele começou a espancá-la, um dos socos acertou na barriga dela e fez que ela perdesse o filho.

Quando descobriu isso, ficou descontrolada e sem rumo.

Com tanta tristeza ela acabou se suicidando jogando-se de seu apartamento.”

(Estudantes de 11 a 12 anos)

Poema criado a partir da obra de Dora Longo Bahia (São Paulo, 1961), *Frida* (1993).

“O sonho de Julia

Uma mulher chamada Julia estava indo para o serviço numa cidade grande ela morava sozinha sem esposo tinha família ela tinha um sonho de voar porque ela amava passaros então um dia ela se encheu de confiança e foi tentar realizar seu sonho de voar mas acabou que deu tudo errado e ela acabou caindo de um prédio e morreu. Ela morreu realizando seu sonho por alguns segundos.”

(Estudantes de 11 anos)

Poema criado a partir da obra de Dora Longo Bahia (São Paulo, 1961), *Frida* (1993).



ENCONTROS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

"A interpretação da Coleção IFF possibilita criar conexões livres com assuntos relevantes para refletir sobre as contradições do mundo hoje, principalmente agora quando o futuro parece não ser mais o que era. Elegi seis temas para reflexão com professores e coordenadores da Rede Estadual de Ensino de Ribeirão Preto articulados com a apreciação de inúmeras obras de arte." **Vera Barros, Coordenadora do Educativo.**

Seguem as sinopses das palestras:

"A influência da mídia na subjetividade"

Mercados diferentes e com regras e valores diversos convivem pacificamente no mundo contemporâneo sob a mesma dominante: imagem em forma de mercadoria. A vida contemporânea é mediada pelo espetáculo. Quanto mais banais se tornam os homens comuns, mais espetacular é a representação da vida dos famosos na indústria do entretenimento. A cultura do narcisismo, os comportamentos marcadamente exibicionistas são dotadas do máximo valor de fetiche. A sociedade do espetáculo promove a afirmação da vida humana como visibilidade. A violência é bem-vinda e combustível dos noticiários.

"A Arte Contemporânea"

A arte contemporânea como uma forma de produção e reprodução cultural que só pode ser entendida no seu tempo, no seu lugar e no seu contexto. Ela reflete o espírito da nossa época, em que as mudanças são mais rápidas do que nossa capacidade de compreendê-las. Os artistas passaram a ter uma nova consciência dessas transformações, tanto na sua existência como nas condições históricas da sociedade. Procuram aproximar a arte da vida para expressar e procurar entender o quanto suas poéticas, suas inquietações, suas perplexidades e seus questionamentos pessoais sobre seus valores e do mundo hoje podem dar algum sentido à sua e a nossa existência.

"Como viver junto"

O que significa viver junto? Por que não conseguem se comunicar verdadeiramente, nem pessoas, nem grupos e nem nações? Por que as pessoas se escutam cada vez menos? Por que não se questionam sobre as relações com os outros, as noções de solidão, de respeito, de igualdade, de autoridade, necessidade do trabalho, de leis?

"O futuro não é mais o que era"

Uma investigação sobre a percepção do tempo na contemporaneidade. Uma breve incursão sobre sua natureza e sobre as relações que os homens estabeleceram com o futuro ao longo da história e as que podem ser estabelecidas hoje, quando os ideais revolucionários e a própria ideia de esperança estão em baixa. A tecnociência, a biotecnologia e a revolução digital pretendem dar resposta a tudo e a tudo prever. Será?

"A felicidade"

A felicidade é um objeto difícil de se identificar. Frequentemente temos o sentimento que tudo nos escapa e que somos muito infelizes. Como confrontar ideias e olhar além das aparências? Os outros são necessários para que se seja feliz? Qual o porquê da infelicidade? Deve-se procurar ser feliz a qualquer custo? Dinheiro traz felicidade?

“Banalidade do mal”

O mal é um tema que sempre desafiou a inteligência humana. Além do desejo de compreensão, o ser humano experimenta, quase sempre, uma certa impotência diante do mal. Importante diferenciar

“banalidade do mal” de “banalização do mal”. A experiência contemporânea do mal, o extremo individualismo e a figura do predador que é a figuração do mal por excelência. A tentativa de erradicar o mal da condição humana é utópica?

Seguem comentários dos coordenadores das diversas disciplinas que organizaram a vinda dos professores que participaram das seis palestras:

“Os temas abordados nos encontros realizadas com os Professores da Rede Estadual de Ensino do Estado de SP, contribuíram de forma única para que estes profissionais levem para sala de aula questões quotidianas como a interferência da mídia no comportamento das pessoas, a questão dos relacionamentos interpessoais (hoje tão complicados, levando em conta a grande dificuldade do ser humano em viver junto ao outro respeitando o seu espaço), o problema da violência urbana, doméstica e nos ambientes escolares cada vez mais banalizadas e indiscriminadamente crescentes em nossa sociedade.

A possibilidade de ter discutido esses temas articulando-os às obras contemporâneas tornou esse trabalho muito mais interessante e enriquecedor.” Isabel Abukawa, Professora Coordenadora do Núcleo Pedagógico de LEM.

“Penso que os encontros realizados pelo Instituto em parceria com a Diretoria de Ensino foram muito ricos, em ideias, pertinência com os temas atuais e que cabem perfeitamente no dia a dia de nossas escolas, contribuindo muito para a significação dos conteúdos trabalhados, como por exemplo, o número Áureo que é pertinente a disciplina ao qual trabalho, que é a matemática. Também a partir desses encontros, percebi em mim um novo olhar para a arte contemporânea, e o quanto ela pode contribuir para o ensino e aprendizagem dos nossos alunos. Até o próximo.” Lúcio Remédio, Professor Coordenador do Núcleo Pedagógico de Matemática.

“As orientações oferecidas pela senhora Vera Barros, em parceria com o Instituto Figueiredo Ferraz e a Diretoria de Ensino da Região de Ribeirão Preto, aos professores dos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio da rede estadual foram excepcionais, trazendo temas incomodativos, porém, extremamente oportunos para a formação continuada dos mesmos. Contribuiu com as várias áreas do conhecimento mostrando novas possibilidades de trabalho e oportunizou dias agradáveis no instituto, conhecendo-o e aproximando os professores da arte contemporânea. O trabalho da senhora Vera Barros e a Equipe do Figueiredo Ferraz é extraordinário na medida em que mostra uma aula totalmente diferenciada daquilo que estamos acostumados em sala de aula, apresentando uma linha teórica bem fundamentada, intercalada com obras nacionais e internacionais, algumas expostas no instituto, e permitindo uma discussão bem interessante entre os participantes, que expõem suas visões possibilitando uma interdisciplinaridade bem ousada para ser mediada. E finaliza sempre com a sétima arte, explorando filmes novos, recurso muito importante principalmente ao mostrar que é possível se trabalhar em sala de aula com alunos do Ensino Básico filmes atuais, confrontando com toda a construção histórica da temática abordado. Para a Geografia

e Sociologia, especificamente, todos os temas trabalhados foram de encontro com os conteúdos, ora mais, ora menos, que fazem parte do arcabouço destas ciências. Fiquei muito feliz de ter participado desta oportunidade.” Prof. Ms. André Barioni, Professor Coordenador do Núcleo Pedagógico de Geografia.

“Os temas trabalhados nos encontros realizados no Instituto Figueiredo Ferraz se mostraram bastante profícuos para a formação dos professores da rede estadual de ensino. Não só pelo aspecto pedagógico, na medida em que abriu possibilidades de trabalho em sala de aula, mas também, e principalmente, pelo exercício reflexivo proposto pelas temáticas, que promoveram uma ampliação da visão de mundo de todos os participantes.” Jeremias Ricardo Carvalho, Professor Coordenador do Núcleo Pedagógico de História.



“Ao renovar a parceria com o IFF em 2017, foi um sentimento que ultrapassa o prazer e a satisfação, simplesmente pelo fato de termos contato com a coleção de Arte Contemporânea Dulce e João Figueiredo Ferraz, atrelado ao trabalho contínuo que a Arte-educadora Vera Barros nos proporcionou através dos encontros mensais realizados no IFF. Estes encontros foram intensos, e os Professores dos Componentes Curriculares da SEE/SP dos Anos Finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio participantes, tiveram a oportunidade de ampliar seus conhecimentos com momentos de reflexões e discussões a partir dos temas selecionados e trabalhados pelo próprio instituto, descobrindo novos caminhos de possibilidades pedagógicas e de articulações com o Currículo da SEE/SP, envolvendo-os de forma extraordinária.

Saliento que iniciativas como esta ocorram mais vezes, pois as mesmas resultam em excelentes frutos, ideias e projetos a serem executados, garantindo que nossos professores/alunos, a partir dos temas selecionados, de extrema importância para a vida contemporânea, possam agir em sociedade com autonomia necessária para a

construção do conhecimento e principalmente da aproximação da Arte na vida. É um lugar que nos fascina... Obrigada pela parceria!!!!” Débora David, Professora Coordenadora do Núcleo Pedagógico de Arte.

“A parceria firmada entre o Instituto Figueiredo Ferraz e o Núcleo Pedagógico desta Diretoria de Ensino trouxe um olhar integrador para a interdisciplinaridade e o mundo da arte contemporânea, proporcionando importantes momentos de reflexões que ampliaram horizontes e fortaleceram o caráter articulador entre o currículo formal e cultural. Esta ação visa apoiar o trabalho docente e contribuir para a melhoria da qualidade das aprendizagens contemplando as características da contemporaneidade e melhorando a compreensão desses novos estudantes e suas novas demandas.” Marcelo Brigato, Professor Coordenador do Núcleo Pedagógico de Matemática.

“Os temas tratados durante os encontros foram bastante relevantes e pertinentes para a formação continuada dos professores, não só da área de Ciências da Natureza, mas acredito que também para as demais disciplinas, uma vez que, pelo sentido filosófico de temas como futuro, influência da mídia, felicidade, mal, convivência, dentre tantas outras reflexões que foram levantadas a partir destes, perpassam e baseiam as relações e interações constantemente presentes no contexto escolar.” Flávia Denise Cardinali Mendes da Cunha, Professora Coordenadora do Núcleo Pedagógico de Ciências da Natureza.

“Imagine você, poder e ter acesso a um local que exala cultura, conhecimento e entretenimento ao olhar, observar, assistir, ver, vislumbrar, notar, avistar, perceber, divisar, enxergar, considerar, entrever, contemplar, apreciar, admirar, espiar, seguir, encontrar, esperar, mirar, encarar, cravar, fitar, afrontar, arrostar e analisar, suas obras... pois é assim que sinto ao percorrer os espaços do Instituto Figueiredo Ferraz, é como se um “clarão” se abrisse e sensações surgissem e assim eu deixasse de ser e passasse a sentir algo que não sei explicar... isso é estar no IFF.

A relevância dos temas apresentados no IFF me fez lembrar do escritor Leonardo Boff, com a frase “ Todo ponto de vista é a vista de um ponto”, pois para cada tema apresentado, muito foi discutido, analisado, refletido e argumentado e nada concluído, fechado, encerrado, pelo contrário, novas ideias surgiram, propostas emergiram, conhecimentos afloraram, afinal nossa argumentação só terá valor se o outro nos ouvir. Obrigada, pela parceria!” Isabel Cristina Cassanta Salvador, Professora Coordenadora do Núcleo Pedagógico de Língua Portuguesa.

“ Não sou um conhecedor de arte, mas simplesmente um leigo (...) Sou incapaz de apreciar corretamente muitos dos métodos utilizados e dos efeitos obtidos em arte (...) Não obstante, as obras de arte exercem sobre mim um poderoso efeito, especialmente a literatura e a escultura e, com menos frequência, a pintura. Isto já me levou a passar longo tempo contemplando-as, tentando apreendê-las à minha maneira, isto é, explicar a mim mesmo a que se deve seu efeito. Onde não consigo fazer isso, como, por exemplo, com a música, sou quase incapaz de obter qualquer prazer.” Sigmund Freud, República Checa, 1856 – 1930).

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DE RIBEIRÃO PRETO

Tem sido um prazer continuar a parceria com integrantes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto que acontece desde 2015. **Vera Barros, Coordenadora do Educativo IFF.**

“Estive pela primeira vez com o grupo do Instituto de Psicanálise de Ribeirão Preto em abril. Sugerimos logo no início do encontro, o exercício da venda, que havia sido planejado com vários dias de antecedência: eles deveriam se dividir em duplas, uma pessoa da dupla seria vendada enquanto o outro escolheria uma obra e a descreveria para o parceiro.

As descrições foram bem interessantes e poéticas, em alguns casos, pedi para a pessoa vendada descrevesse a cena que havia imaginado a partir da narração que ouvira. Em todos os casos, foi uma surpresa a retirada da venda.

Chamou-me a atenção a discussão sobre a obra *Menina de Mocarita-teri* (1997) do artista Valdir Cruz (Guarapuava, 1954), onde todos se envolveram argumentando sobre as possibilidades de interpretação do olhar da personagem retratada. Foram mencionadas palavras como “poder”, “domínio”, “força” e também “preocupação”, “incerteza” (em relação ao futuro). A simbologia e as relações culturais presentes nos adereços da menina indígena também foram objetos de discussões.

Depois do exercício, nos sentamos para discutir e dividir ideias sobre a experiência, onde usamos como abordagem as questões do ver, interpretar, julgar.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**

"Recebemos a turma de psicanalistas para realizar um exercício um pouco diferente. Metade do grupo foi vendado e levado até o nosso auditório enquanto a outra metade recebeu um texto para ler. Após alguns poucos minutos, a metade sem venda escolheria uma pessoa do outro grupo para “guiar”, mas apenas por meio da leitura do texto entregue no início, ou seja, usando apenas a voz como orientação.

Com o início do exercício, o espaço se preencheu de vozes, o que dificultava a diferenciação por parte dos vendados. Uma pessoa não foi vendada e nem se tornou guia, ficou encarregada de analisar toda a experiência e tomar nota de tudo o que via.

Foi muito interessante perceber as diferentes reações das duplas: enquanto uma parecia estar completamente a vontade, passeando pelo espaço sem muitas preocupações, outra mal conseguia sair do lugar, ambos aterrorizados, a pessoa de venda por não saber onde estava e a guia por não conseguir se fazer ouvir.

Ao fim, pedimos que aquela pessoa que ficou encarregada de observar contasse o

que viu, e que cada um dos participantes escrevesse um relato sobre como se sentiu, relacionando com uma das obras da coleção.

Da mesma forma que no exercício, a dupla que se entregou mais resumiu tudo em três palavras, a outra escreveu um longo texto tentando absorver a forma como as coisas aconteceram." **Gil Neto, arte-educador.**

"Daniel, observador da atividade.

Olhos vendados, algo some, óbvio que a capacidade de enxergar com os olhos, mas algo aparece.

Para uns, uma inibição que some, voltam a ser crianças?

Para outros surge uma inibição, fica. Difícil até de respirar.

Experiência desconfortável para uns, agradável e divertida para outros. de olhos abertos e fora do foco foi confortável e interessante para mim.

Seguir a voz, em diferentes níveis, foi a todos possível. mas ouvir o que a voz dizia, foi praticamente irrealizável. Tapar os olhos tapa os ouvidos?

Observei que não observei as obras e sim as pessoas." Daniel Rodrigues de Freitas.

"O olho, aprisionado pela forma, pela rotina, pelo tempo, não olha. As pernas, limitadas ao chão, se arrastam. A mente, circunscrita ao correto, não sonha. Desejosos do mais, buscamos. Adentramos na mata escura e ousamos sentir. Entregar-se à experiência artística é perder contornos, é transitar no infinito. Assustador, porém, libertador."

Relato sobre os encontros realizados em 2017, por Luciana Gil da Cunha, Instituto de Psicanálise de Ribeirão Preto.



CONSTANTINO, Nicola (Rosario, 1964)

Vênus com cupido, 2010

impressão digital sobre papel

136 x 190 cm

ESCOLA ARTE DO MUSEU

“Os encontros com as turmas da escola Arte do Museu foram continuados durante o ano de 2017. Assim foi possível desenvolver outros exercícios de arte e observar a evolução dos estudantes em questões de percepção, reflexão, criação e corporeidade. Nesta idade, eles são muito dispostos e participativos, tanto nas discussões iniciais, quanto nos exercícios de arte propostos. Criam histórias muito facilmente observando as figuras retratadas.” **Caroline Heldes, arte educadora.**

**“Estava vendo uma mulher com
asa se bobear ela vasa,
o final do mundo acontecerá com
essa mulher,
Não tem cozinha, não tem garfo,
faca e nem colher,
Não tem sala não tem mala para
viajar, o que ela faz da vida?
Só espera a vida acabar.”**

(Estudantes de 8 a 9 anos)
Poesia criada a partir da obra de Janaína
Tschäpe (Alemanha, 1973), *Sala de Espera*
(*Terraces*) (2001).

**Mudou ou não mudou?
Mudou, mudou, mudou,
As pessoas não mudaram.
Mudou o mundo mudou tudo,
as pessoas não mudaram.
E se as pessoas mudassem,
o que ia mudar?”**

(Estudantes de 8 a 9 anos)
Poesia feita a partir da obra de Boushra
Almutawakel (Iémen, 1969), *Mother,*
Daughter, Doll (2010).



ETEC ALCÍDIO DE SOUZA PRADO – ORLÂNDIA SP

O trabalho apaixonado e dedicado da professora Mariana Donizete de Carvalho Marques e da assistente técnica administrativa Luciana Pazeto Paris Maciel tem contaminado nossa equipe e tornado nosso planejamento elástico e focado em ampliar o universo simbólico dos estudantes do ensino médio. **Vera Barros, Coordenadora do Educativo IFF.**

“Os estudantes do ensino médio da ETEC Alcídio de Souza Prado estiveram no IFF diversas vezes em 2017, para realização de encontros continuados. São sempre muito abertos às conversas e exercícios propostos, o que torna os encontros muito produtivos para todos. Em nosso último encontro do ano, sugeri aos outros arte-educadores que fizéssemos um exercício da venda, que ainda não havia sido proposto ao grupo. Quando nos sentamos no território, pedi para que compartilhassem um pouco sobre a experiência de estar no IFF durante o ano. Cada um à sua forma, contou sobre suas percepções, comentaram a importância do contato com as obras contemporâneas e principalmente dos exercícios propostos, que trabalham a sensibilidade e o olhar crítico sobre o mundo. Durante o exercício de arte, cada dupla escolheu 2 obras, alternando a pessoa vendada, para que todos pudessem ter as 2 experiências. Depois sentaram-se para escrever os relatos e reflexões sobre o exercício. Visitamos juntos novamente todo o espaço expositivo.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**

“Na última visita da turma realizou-se uma atividade diferente, optou-se pelo uso da venda. Como todos os estudantes queriam ter a experiência dos olhos vendados, eles foram separados em duplas, onde um praticava o exercício com venda e outro sem. Após o término do exercício os papéis eram invertidos entre as duplas.

O que chamou a atenção foi o fato de que algumas duplas escolheram a mesma obra em ambas as situações, sem ter esse conhecimento, pois as obras só foram reveladas para quem estava com os olhos vendados ao final do exercício, especificamente na apresentação. **Ingrid Ostan, arte educadora**

Obra *Entre Aberto* (2017) da artista Amália Giacomini (São Paulo, 1974):

Descrição feita por Isabela para sua dupla Amanda que estava de olhos vendados:

“Tem formas abstratas que traz um sentimento de clareza, pureza, onde tudo é realista, um lugar onde se pode descobrir as coisas. Assim como as abelhas exploram a natureza, como os cientistas estudam o mundo.”

Descrição feita por Amanda para sua dupla Isabela, agora de olhos vendados:

“Uma obra abstrata. Me faz pensar em uma pessoa de várias faces. De um lado ela está aberta e de outro está fechada. Uma obra dinâmica.”

“Só Frida

**O som mais silencioso
Que grita em minha mente
Um barulho estridente
No qual não consigo lidar
O vazio mais conturbado
Que me assombra ao deitar
E obriga-me a ser perfeito
Quando a realidade é uma
grande nada
A riqueza mais miserável
Que queima minha pele
Com ouro e prata
As risadas desesperadas
Ecoam pela cidade
A dor mais fria
Previne-me do saber
A mais vazia verdade
Consciente como a morte
A delicadeza mais bruta
Que por fora se mostra
maravilhada
Vívida e sorridente
Enquanto meu âmago se destrói
Corroendo minha vontade
Me fazendo querer voar.”**

Poesia criada a partir da obra de Dora Longo
Bahia (São Paulo, 1961), *Frida* (1993).

**“É como engolir uma lâmpada
Apagar ideias.
É uma utopia, um sonho
Esta minha existência.**

**É estar feito água e não ter
transparência.
É seguir o curso do comum
Por mais que questione a
diferença.**

**É ser surdo escutando a melodia.
É dizer tudo bem porque nossa
mãe nos deu educação.
Não conhecer vendo todo dia
É estar com todos nossos amigos,**

solidão.

**É observar nosso horizonte
limitante.
A caixa de mensagem.
É desconhecer a saudade que
existe na imagem.**

**É um pé formigando adormecido
É um abraço naquele seu amigo
Amigo?
Qual é a verdade na caixa de
mensagem?**

**É a verdade em que acredito
Mesa vazia no jantar
Sofá cheio e ninguém além da TV
a conversar.
É a coisa mais banal.
Ser ser humano ou animal?
Quer um abraço ou um amasso?
Está tudo bem? Te conheço bem?**

**Quatro pegadas na areia
Diferenças ao além
Sou só eu e o mar
Ou há mais alguém?**

**É negligência, é utopia, solidão
Um milhão é igual a um
É a máscara que brota
No século XXI.”**

Poema criado a partir da série de obras de
Débora Paiva.

**“ $L=c/a$ > $L=0,89$ (lei de
focitas 1945)
Planeta louco e desvairado
Tudo diferente, tudo foi mudado.
Arrogância é o um elemento
principal
Todo alfinete espeta o anormal.
Você é obrigado a ser igual
Regime e padrão a seguir
É primordial
Você é feio, gordo, você não é**

**normal.
Aqui reina a intolerância
Lado imergente radical.
Eles matam por etnia e economia
Quem reina é a burguesia
Ela te desafia
Viva – Sobreviva
Suas formas te magoam
É assim que deve ser
Se não gosta do espelho
É + fácil morrer.
Sua cultura é inferior
Nesse planeta de dor
Sua casa é um horror
Nesse país de ambição
Seus Deuses são materiais
Sua mania descartável
Nada em você
Nada dentro de ti**

**É amável.
Olhe o tempo, olhe a hora
É hora de ir embora
Fugir da não-aceitação.
Mas se nem mesmo o horizonte
me aceita
Que outras finas linhas me
aceitarão?**

**Eu me aceito
Eu amo tudo em mim
Se tudo não passa de nada
Pra que vou me importar tanto
assim?
L = 0,89”**

Planeta criado a partir das obras no piso inferior da exposição O Estado da Arte (2016-2017).





ATELIÊ DA PRAÇA

O trabalho que realizamos com os estudantes do Ateliê da Praça, que tem um alto potencial criativo, é um processo conceitual, experimental, emocional e formal que possibilita estimulá-los a trabalhar com abstrações como um exercício crítico e poético de interpretar o mundo.

**“Por que existem tantos mistérios em
seu “corpo”?
Pai + mãe = ?
Israel, oriente médio. O que
aconteceu aqui?
Harmonia entre seres. E entre as
palavras...
Um mar de mistérios. Uma floresta de
enigmas.
Um olhar penetrante.
A criatura dos anos 90.
Um trio enigmático.
A menor distância entre 2 pontos.
O filho que nasceu em 1991.
E.....? Não tão simples quanto parece!
BZZZZZZ...”**

Poema criado a partir da obra *Pai, Filho, Espírito Santo* (1991), de Dudi Maia Rosa (São Paulo, 1946).

Novas abordagens e exercícios

QUAIS OBRAS DE ARTE VIVEM NO SEU PLANETA?

A METÁFORA “PLANETA” COMO O LUGAR DA ARTE FOI USADA PARA ESTIMULAR, DE FORMA TRANSDISCIPLINAR, A INTERPRETAÇÃO DAS OBRAS DA COLEÇÃO IFF.

Criação do Planeta como exercício principal:

“Colocamos a abordagem em prática pela primeira vez com os estudantes atendidos pela ONG Obreiros do Bem. Pedimos para que cada grupo escolhesse um pequeno lugar dentro do espaço expositivo e este seria um planeta. Eles deveriam criar o planeta observando as obras ao redor. Questionei-os sobre o clima, o tamanho, a fauna, flora, se o planeta teria lua ou anéis, como era o solo, como era a gravidade, percebi que eram infinitas as possibilidades. Todos ficaram empolgados com a ideia de criar o próprio planeta e realmente se envolveram, tentando pensar cada uma das obras dentro de seus novos contextos. Em nenhum momento senti insegurança ou desinteresse por parte dos estudantes.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**

“Todo dia é domingo e nós ficamos agoniados pensando que é segunda todo dia [...] um dia é frio e o outro é calor e assim por diante.”

(Estudantes de 12 anos).

Criação do Planeta como exercício inicial:

“Com as crianças do Projeto Curumim do Sesc, optei por fazer um exercício inicial para estimular o pensamento elástico: nos sentamos em roda para conversar e sugeri que criássemos juntos um planeta, onde todos eles poderiam pensar nas coisas que gostariam de acrescentar. Esse exercício é interessante não só para estimular o pensamento abstrato, mas também para apreender um pouco sobre visão de mundo de cada um, o que consideram importante no mundo, o que gostariam de mudar e o que acreditam que seja essencial para a vida humana em sociedade.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**

“A morte é como vento, está sempre ao meu lado e um amigo disse: o que não mata ainda não terminou, não é possível vê-la, mas posso senti-la”

(Estudantes de 11 a 13 anos)

Poema criado a partir da obra de Dora Longo Bahia (São Paulo, 1961), *Frida* (1993).

Coreografia:

“Com a Escola Arte do Museu, pensamos em sugerir um novo exercício de arte: os visitantes, divididos em grupos, deveriam sortear uma palavra e em seguida tentar relacioná-la com alguma obra da exposição do artista Rodrigo Bivar (Brasília, 1981). Feito isso, sugerimos que criassem uma performance que expressasse de alguma forma o entendimento que foi feito da obra e sua relação com a palavra sorteada. A nossa surpresa foi que cada grupo interpretou a proposta de uma maneira diferente: um deles criou uma cena, coreografada e depois analisada e explicada por um apresentador, como uma simulação de algo que já havia acontecido. Outro criou uma luta, como aquelas de homens mascarados onde tudo é previamente combinado. E dois outros decidiram criar coreografias de dança, onde os passos representavam aquilo que foi entendido das telas. Apesar de termos sugerido o exercício de arte, os estudantes demonstraram liberdade na interpretação do tema e, também no desenvolvimento de seus projetos, enriquecendo muito a experiência.” **Gil Neto, arte-educador.**



“No início da conversa perguntei ao grupo sobre suas memórias favoritas. Pedi que fechassem os olhos para visualizar estas memórias, sem dizer em voz alta o que estavam pensando. Em seguida sugeri que procurassem pensar metaforicamente o cheiro desta memória, muitos cheiros diferentes foram citados: flores, perfumes, comidas. Alguns deles não souberam me dizer o cheiro da memória.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**

Conversas filosóficas, conversas sobre arte

“É muito importante conhecer o que a “realidade” esconde.”
Vera Barros, Coordenadora do Educativo IFF.

Artistas da Coleção IFF abrem nossos olhos para fatos e questões invisíveis para a mídia. Eles expressam suas visões do mundo e nos ajudam a entender a nossa própria história. Isso porque para se conhecer um tempo histórico é necessário refletir um pouco sobre algumas relações entre o passado e o futuro. Imaginamos colocar estes artistas e suas obras de arte exatamente em um intervalo imaginário entre passado e futuro. É aí que seus pensamentos habitam. Em um intervalo “que é inteiramente determinado por coisas que não existem mais e por coisas que não existem ainda”¹. Eles criam espaços onde a ideia de tempo histórico é resultado de uma tensão entre as categorias de espaço de experiência e horizonte de expectativas, entre passado e futuro². **Vera Barros, Coordenadora do Educativo IFF.**

“A visita da Fundação Casa foi interessante. Os visitantes consideraram como uma oportunidade de participar de uma experiência diferente e se mostraram muito comprometidos com o que tínhamos preparados para eles.

Assim que eles chegaram, sentamos em roda em um lugar confortável para podermos conversar um pouco. Nos apresentamos e perguntamos sobre qual a relação deles com a arte. Muitos deles escreviam, gostavam de desenhar e de música. A poesia fazia parte do cotidiano na forma de rap. Um deles comentou que compunha músicas com seu irmão, que fazia as batidas e ele era o responsável pelas letras.

A arte foi classificada como uma forma de expressar os sentimentos que não demonstramos com facilidade.

Em experiências como essas, percebemos que proporcionar a oportunidade de se ter contanto com obras importantes como as da coleção IFF, pode transformar o olhar de uma pessoa drasticamente. Alimentar a curiosidade, provocar a reflexão, incentivar as novas ideias, trabalhar novos conceitos edificam o pensamento individual e nos faz perceber o pensamento coletivo.

Para, então, organizar o pensamento e as interpretações que foram feitas das

1 ARENDT, Hanna (Alemanha, 1906 – 1975). *Between Past and Future-Eight Exercises on Political Thought*, Penguin Classics, 1968.

2 KOSELLECK, Reinhert. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos modernos*. Rio de Janeiro. Contraponto. Ed. PUC-Rio, 2006, p.103.

obras, sugerimos alguns exercícios para que eles escolhessem apenas um para fazer. Distribuimos perguntas provocativas, que deveriam ser relacionadas com alguma das obras e depois criar um texto com um dos temas sugeridos. Os temas foram: artista invisível, poesia e jornalista por um dia.” **Gil Neto, arte-educador.**

“Onde o nada dorme?”

Observamos a obra de Teresa Viana.

Vimos que o nada passa a representar algo em nossas vidas por meio de frases, tintas, telas e escritas. Apesar de não trazer um significado, desperta o interesse de entender o sentido do nada, até porque o nada dorme em nossas mentes”.

(Wanderson e Jhonatan)

Texto criado a partir da pergunta “Onde o nada dorme?”, através da obra *Sem Título* (2013), de Teresa Viana (Rio de Janeiro, 1960).

Onde o nada Dorme?
Observando a obra de Teresa Viana
vimos que o nada passa a representar
algo em nossas vidas por meio de
frases, tintas, telas e escritas. Apesar
de não trazer um significado; desperta
o interesse de entender o sentido do nada,
até porque o nada dorme em nossas mentes.

WANDERSON
JHONATAN

“Tenho observado, durante todo o ano, as diferenças entre as turmas do mesmo período escolar. Muitos estudantes já em períodos avançados do ensino fundamental, ainda não são alfabetizados, não conseguem ler as etiquetas das obras. Isso não necessariamente prejudica o andamento da visita, tudo é feito com calma, e tento deixar que eles realizem a parte escrita dos exercícios de arte em seu próprio tempo. Mas não deixo de notar que isso é um problema grave para o desenvolvimento dos estudantes como indivíduos, eles se sentem acuados na hora de dar opiniões, envergonhados por não saberem interpretar as palavras e desrespeitados pelos colegas.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**

“Notamos que uma parte significativa de estudantes sente deslocada dentro do ambiente. Atribuiu-se como causa disso a ausência de acesso às instituições de arte, museus e até

mesmo cinemas e teatros, o que proporciona neles um pré-conceito de que a visitaçãõ será tediosa, durante a qual uma pessoa expõe e fala sobre as obras, e nada além disso. Porém, é visível a surpresa na expressão de cada um durante o tempo em que eles vivenciam o espaço, no qual além de conhecer e ter informações sobre as obras eles podem discutir, opinar e trocar ideias com seus colegas e o arte-educador, o que torna a visitaçãõ interativa, agradável e com rica troca de conhecimento e perspectivas. Posso afirmar o quãõ importante é a experiênciã fora da sala de aula, responsável por quebrar o preconceito e aproximar os estudantes da arte em seus diferentes segmentos.” **Ingrid Ostan, arte-educadora.**

Referências Bibliográficas

ARENDDT, Hanna (Alemanha, 1906 – 1975). **Between Past and Future-Eight Exercises on Political Thought**, Penguin Classics, 1968.

ARIAS, Juan. **Por que gritamos tanto?** El País. 23 set. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/23/opinion/1474584804_332791.html>. Acesso em 14 abr. 2017.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. In: Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n. 19, jan/fev/mar/abr, 2002.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. Coleção primeiros passos nº46. 15ªed. , Editora Brasiliense, São Paulo – SP,1995.

FREUD, S. **O Moisés de Michelangelo**. op.cit., vol. XIII. 1914.

KOSELLECK, Reinhert. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos modernos**. Rio de Janeiro. Contraponto. Ed. PUC-Rio, 2006, p.103.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

Conheça os parceiros do IFF

Atelie Da Praça

<https://www.ateliedapracarp.com.br/>

Associação dos Deficientes Visuais de Ribeirão Preto - ADEVIRP

<http://www.adevirp.com.br/>

Centro Universitário Barão de Mauá

<http://www.baraodemaua.br/>

Centro Universitário Moura Lacerda

<http://vestibularmouralacerda.com.br/>

Colégio Bento Benedini

<http://www.bentobenedini.com.br/>

Escola Arte do Museu

<https://artedomuseu.com.br/>

ETEC Prof. Alcídio de Souza Prado Orlândia/SP

<http://home.etecalcidio.com.br/>

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de Ribeirão Preto USP

<http://fflch.usp.br/>

Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto USP

<http://www.fmrp.usp.br/>

Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto USP - Terapia Ocupacional

<http://www.hcrp.usp.br/sitehc/>

Oficina Literária Puntel

<http://www.puntel.com.br/>

ONG Maria Alice Claret

<http://www.ocsamc.org.br/>

ONG Obreiros do Bem

<https://www.obreirosdobemrp.org.br/>

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

<http://www.educacao.sp.gov.br/>

Secretaria Municipal da Educação

<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Home/Index/>

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial SENAC

<http://www.sp.senac.br/>

Serviço Social da Indústria SESI

<https://ribeiraopreto.sesisp.org.br/>

Serviço Social do Comércio SESC

<https://www.sescsp.org.br/>

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto

<http://www.sbprp.org.br/site/>

Universidade de Ribeirão Preto UNAERP

<http://www.unaerp.br/>

Universidade Estácio de Sá

<http://portal.estacio.br/>



Venha visitar nossas exposições e participar de nossa programação

A ENTRADA É GRATUITA
Terça-feira a sábado, das 14h às 18h

Rua Maestro Ignácio Stábile, 200
Alto da Boa Vista – Ribeirão Preto/SP
www.institutofigueiredoferraz.com.br

Informações e agendamento para visitas de escolas: (16) 3623-2261

Realização

